

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

LUIZA HEINZELMANN SOARES

RELAÇÕES DE GÊNERO E FEMINISMO NO PROGRAMA LADY NIGHT:
Uma análise do discurso sobre o gênero televisivo talk show

Porto Alegre

2021

LUIZA HEINZELMANN SOARES

**RELAÇÕES DE GÊNERO E FEMINISMO NO PROGRAMA LADY NIGHT:
Uma análise do discurso sobre o gênero televisivo talk show**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação, pelo Curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador(a): Prof.^a Débora Lapa Gadret

Porto Alegre

2021

Aos meus pais e meu irmão, por terem me
dado tanto nessa vida.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha família, minha mãe Claudia, meu pai Rogério e meu irmão Matheus, por terem sido a minha força e por sempre me motivarem ao longo desse processo. Não poderia esquecer o apoio que meu cunhado, Juliano, me proporcionou também. Também quero agradecer ao meu avô João, que sem o apoio dele, não teria sido possível chegar até esse momento do curso e possibilitado essa pesquisa.

Vocês todos são o motivo pelo qual eu me esforço todos os dias para dar meu melhor, seguir em frente sem baixar a cabeça. Deixo uma menção honrosa para os meus cachorros, Bowie e Ignácio, por terem sido bons companheiros nessa jornada, assim como o Trufa, que lá de cima, me guiou.

Não poderia deixar de mencionar o apoio extremo que recebi dos meus amigos, principalmente as gurias do “Mi Trutis”, por terem me ajudado a compartilhar meu post a ponto de alcançar a atenção da Tatá Werneck. Aos meus amigos Luísa Homrich, Paulo Scussel, Giulia Godoy, Amanda Bormida, Juliana Coin, Jéssica Montanha e aos irmãos Camila e Tomás Corletto Farias, por me acompanharem de perto durante esse processo, aturado meus surtos, choros, por terem me desejado mensagens de carinho a cada passo dado e por sempre torcerem por mim, mesmo quando eu não conseguia. Mesmo de longe, vocês são como uma segunda família e foram essenciais para essa pesquisa!

Mesmo aqueles que não puderam me acompanhar nessa trajetória, deixo aqui meus agradecimentos às minhas duas avós, Zélia e Anilce, ao meu tio Fernando, a minha *teacher* do curso de idiomas, Ana Cristina, e ao meu amado colega Guilherme Machado. Foi uma honra compartilhar a vida com vocês. Sinto saudades todos os dias!

Assim, só tenho a agradecer pelo trabalho da minha orientadora Débora Gadret, por ter me guiado da maneira mais tranquila e objetiva nesse processo. Nossas orientações também se tornaram um espaço de acolhimento, meu deu forças quando eu mais queria desistir e me incentivou a realizar uma pesquisa de uma maneira leve e bonita. Além de também termos dado boas risadas em nossos encontros virtuais.

A todos vocês, eu não teria sido capaz de finalizar essa pesquisa da maneira que eu sempre imaginei, se não fosse por todo o apoio que recebi de vocês. Tenho muita sorte de tê-los em minha vida.

Muito obrigada.

“O segredo é a gente se sentir bem e bonita e eu, claro, nunca tive baixa autoestima porque me amo muito. Pra mim, estar bem não é só estar gata, é estar feliz, pulando, cometendo uma gafe! Sei que não faço parte do padrão de beleza brasileiro e nem mundial, mas estou feliz da vida.”

Tatá Werneck¹

¹ TANCREDI, Thamires. Parabéns, Tatá Werneck! 7 frases da atriz que provam por que ela é gente como a gente. In: **GaúchaZH**, 11 ago. 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/colunistas/thamires-tancredi/noticia/2015/08/parabens-tata-werneck-7-frases-da-atriz-que-provam-por-que-ela-e-gente-como-a-gente-cjplfz1d90192mncnt888mcjq.html>. Acesso em: 17 nov. 2021.

RESUMO

Este trabalho propõe-se a analisar como são abordadas as temáticas de feminismo e gênero no talk show Lady Night, apresentado por Tatá Werneck. A partir do objetivo geral de conferir quais sentidos sobre feminismo e gênero são construídos durante as entrevistas do talk show Lady Night, tive como objetivos específicos identificar os episódios em que tais temáticas são objeto de debate no programa; compreender a promessa do programa a partir da sua estrutura; apontar os núcleos de sentidos relacionados às questões feministas e de gênero; e problematizar as construções destes sentidos sob a perspectiva dos estudos feministas e de gênero. Busquei aproximar-me de tais questões pelos conceitos de promessa dos gêneros televisivos, feminismo e gênero. Para analisar os dez episódios selecionados, utilizei a metodologia da Análise do Discurso de linha francesa. A análise está dividida em Estrutura do Programa, onde abordo a abertura do programa assim como quadros humorísticos que compõem o talk show, e em seis Núcleos de Sentidos encontrados (Crítica aos padrões estéticos; Sexualidade e Identidade de Gênero; Valorização da Autoestima e Segurança da Mulher; Exaltação pela Igualdade de Gênero; Crítica aos Padrões de Maternidade e Feminismo e as Transformações do Papel da Mulher). Após a análise de sentidos construídas, afirmo que além do programa Lady Night quebrar estigmas e romper com preconceitos, ele também reforça alguns estereótipos sobre feminismo e questões de gênero, por conta de uma ideologia heteronormativa vigente em nossa sociedade.

Palavras-Chave: Gênero e Feminismo; Estudos de Televisão; Talk Show; Lady Night; Tatá Werneck.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cenário Lady Night.....	47
Figura 2 – Tatá Werneck na cena de abertura do <i>Talk Show</i>	48
Figura 3 – Vinheta de abertura do Lady Night	49
Figura 4 – Quadro “Entrevista com Especialista”	51
Figura 5 – Programa “De Frente com Gabi”	51
Figura 6 – Grazi Massafera	55
Figura 7 – Eliana.....	57
Figura 8 – IZA	59
Figura 9 – Deborah Secco	61
Figura 10 – Roberta Miranda.....	64
Figura 11 – Ana Maria Braga.....	66
Figura 12 – Susana Vieira	68
Figura 13 – IZA	70
Figura 14 – Maiara e Maraisa.....	72
Figura 15 – Maiara e Maraisa no momento que abordam a presença das mulheres nos sertanejo.....	74
Figura 16 – Taís Araújo.....	75
Figura 17 – Deborah Secco	77
Figura 18 – Isis Valverde.....	78
Figura 19 – Tatá Werneck exibindo a barriga da gravidez.....	80
Figura 20 – Ana Maria Braga	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Convidados da terceira temporada.....	45
Tabela 2 – Convidados da quarta temporada	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 JUSTIFICATIVA	11
1.2 LADY NIGHT	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 MUDANÇAS NA ERA DA HIPERTELEVISÃO	16
2.1.1 A instabilidade dos gêneros televisivos	17
2.1.2 Entre o mundo lúdico e o real: as promessas do <i>talk show</i>	22
2.2 FEMINISMO E GÊNERO	26
2.2.2 Breve história feminismo no Brasil.....	27
2.2.3 Gênero e Performance.....	36
3 METODOLOGIA.....	41
3.1 ANÁLISE DO DISCURSO.....	41
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
3.3 ESTRUTURA DO PROGRAMA	46
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	54
4.1 SENTIDOS SOBRE GÊNERO E FEMINISMO	54
4.2 ANÁLISE DOS NÚCLEOS DE SENTIDOS	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	86
APÊNDICE A – DECUPAGEM EPISÓDIOS LADY NIGHT	89

1 INTRODUÇÃO

O **tema** deste trabalho de conclusão está delimitado ao questionamento de como são abordadas as temáticas de feminismo e gênero no talk show Lady Night, apresentado por Tatá Werneck. Nesse projeto, pretendo procurar entender como a apresentadora aborda questões relacionadas a gênero e a pauta feminista durante entrevistas com o convidado do programa.

Atraída e interessada por essas questões, optei por investigar as temáticas de questões de gênero e feminismo, pois facilmente percebi o quanto o programa Lady Night, através de Tatá e seus convidados, como Ana Maria Braga, Deborah Secco, Grazi Massafera, Roberta Miranda e outras, que serão apresentados no capítulo da Metodologia, são capazes de abordar estes e outros temas tão presentes no cotidiano brasileiro.

Seguindo essa lógica, a hipótese principal a ser trabalhada é como de uma forma muito explícita, a apresentadora consegue em pontuais “brechas” durante as entrevistas, impor um discurso comprometido com pautas tão atuais como o feminismo e a problemática de gênero. Pretendo analisar como esses discursos ficam evidentes através de uma análise do quadro de entrevista com a celebridade, que, por mais que seja um momento breve do programa, é o período em que Tatá Werneck utiliza recursos do discurso para trazer as pautas feministas e de gênero.

A análise da temática será elaborada de maneira que seja possível visualizar e compreender em que momentos específicos do programa são convocadas reflexões e/ou indagações sobre gêneros e luta feminista, levando em conta quais artifícios do gênero televisivo do talk shows a apresentadora utiliza para realizar tais questionamentos.

Assim, venho propor por esse trabalho o **problema** “como se dão as relações de gênero e feminismo no talk show Lady Night?”. Com isso, pretendo atingir o **objetivo geral** de conferir quais sentidos sobre feminismo e gênero são construídos durante as entrevistas do *talk show* Lady Night, com Tatá Werneck.

Com essa pesquisa, tenho como **objetivos específicos** identificar os episódios em que as questões de gênero e o feminismo são objeto de debate no programa; compreender a promessa do programa a partir da sua estrutura, apontar os núcleos de sentidos relacionados às questões feministas e de gênero. E, por fim, problematizar as construções destes sentidos sob a perspectiva dos estudos feministas e de gênero.

Para isso, é necessário compreendermos a trajetória de Tatá Werneck, começando no teatro, passando pela comédia nos tempos do canal MTV Brasil até chegar à Rede Globo,

atuando em filmes e novelas, finalizando com o lançamento do seu próprio talk show no Multishow.

Talita Werneck Arguelhes (nome completo de Tatá) é formada em Publicidade e Propaganda na PUC-Rio e em Artes Cênicas pela UniRio. Segundo o site Terra², Tatá deu início na sua carreira de atriz na criação do grupo de teatro Os Inclusos e os Sisos – Teatro de Mobilização pela Diversidade (é o primeiro grupo no país a fazer uma peça totalmente acessível para pessoas com deficiência). Já em 2009, ela fez sua estreia na televisão com a série “Os Buchas” e, no mesmo ano, começou a se dedicar ao humor, sendo convidada a participar do grupo DEZImprovisa (extensão do DEZnecessários).

No ano seguinte, Tatá integrou o grupo humorístico do canal MTV Brasil no programa de improviso “Quinta Categoria”, juntamente com Paulinho Serra e Rodrigo Capella. Na emissora, ela também participou do “Comédia MTV”, com Marcelo Adnet e Dani Calabresa, além do “Trolalá” e o “Tá Quente”.

Foi na MTV que Tatá ganhou seu reconhecimento nacional e destaque na cena do humor. De acordo com o portal Terra, foi a partir desse período no canal, que ela foi convidada para fazer sua estreia nos cinemas para participar dos filmes “Teste de Elenco” e “Podia Ser Pior”, ambos elaborados por Fábio Porchat. Em 2012, ela atuou em “De Pernas Pro Ar 2” de sua amiga Ingrid Guimarães e em 2015 voltou a contracenar com a atriz em “Loucas Pra Casar”, ao lado de Suzana Pires e Márcio Garcia.

Após três anos na MTV, Tatá deixou o canal e assinou o contrato com a Globo, estreando quatro novelas desde então. No mesmo ano, seu primeiro personagem foi Valdirene, da novela “Amor à Vida”. A atriz deu vida a outras personagens como Danda, de “I Love Paraisópolis”, Fedora Abdala de “Haja Coração” e, em 2018, atuou na sua última novela “Deus Salve o Rei”, incorporando Lucrécia.

1.1 JUSTIFICATIVA

O Jornalismo sempre me atraiu. O “fazer jornalístico”, com suas nuances, seus personagens e o discurso inteligente, desde cedo me encantaram. Porém, é preciso fazer um recorte, pois não é possível abraçar o mundo, não é?

² Cria da MTV, Tatá Werneck ganha reconhecimento ao estreiar na Globo. **TERRA**. Diversão, Tv. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/cria-da-mtv-tata-werneck-ganha-reconhecimento-ao-estrear-na-globo,6d4db4a388e2f310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>. Acesso em: 15 jun. 2021.

Assim, em meu particular processo de seleção, optei por elencar os programas de *talk shows* e elegei em especial o programa Lady Night tendo Tatá Werneck como apresentadora em meu objeto de estudo.

Após realizar o processo do Estado da Arte no meu projeto de pesquisa, decidi abordar a temática do feminismo e questões de gênero no *talk show* Lady Night, pois havia uma lacuna sobre o assunto em trabalhos acadêmicos. Até o momento da elaboração deste trabalho, não foi possível encontrar outros projetos que apresentassem tais bandeiras em relação a Tatá Werneck e nem ao programa.

De fato, impressiona o modo rápido e inteligente como Tatá encaminha uma diversidade de assuntos sempre permeados com “tiradas” e piadas repletas de “segundas intenções”, sempre com bom senso e respeito a seus convidados. Assim, temas ligados à questão de gênero e feminismo, entre outras abordagens, ganham espaço e visibilidade através hábil intervenção da apresentadora.

Extremamente focada (embora muitas vezes não demonstre), Tatá, ao valer-se de uma sensível escuta e de um invejável repertório de expressões visuais e corporais, faz com que personalidades e público, ao “comprarem” suas brincadeiras, muitas vezes incorporando hilários personagens, ainda consigam, em algumas brechas previamente acertadas, trazer à tona assuntos tão atuais.

É preciso discutir – e é preciso discutir quase à exaustão – questões de vital importância a uma sociedade cada vez mais plural e carente de seus “lugares de fala”. Tatá com seu Lady Night parece ter encontrado esse espaço. E falar sobre esse novo espaço midiático é o objetivo principal deste trabalho, pois acredito ser necessário reconhecer e investigar como distintos grupos e indivíduos, ora retirados da esfera pública, através deste seriado finalmente adquirem rosto e voz.

Neste sentido, o *talk show* conquista e seduz não somente por instaurar-se, quando necessário, como um bem-vindo “campo de força” preocupado com as minorias (sem ser panfletário) ao mesmo tempo em que funciona como uma espécie de válvula de escape, onde rir continua sendo o melhor remédio.

As pautas feministas e de gênero têm conquistado cada vez mais espaço dentro da programação da televisão brasileira, principalmente nos canais abertos. E, apesar de Tatá Werneck ser uma autodeclarada militante pelas causas das minorias, como podemos ver na sua trajetória, ainda não há trabalhos publicados dentro do campo da Comunicação focados sobre a abordagem dessas temáticas dentro do seu *talk show*.

Atualmente me considero uma forte militante pela causa feminista e de gênero por causa da faculdade, antes disso não tinha conhecimento sobre e nem procurava aprender sobre pautas sociais. Sempre me senti muito incomodada com situações de injustiça, desde criança, mas não entendia exatamente como que se solucionava tais problemas. A partir da minha inclusão no curso de Jornalismo, conheci outras pessoas e percebi a importância de conhecermos e debatermos essas pautas. Sendo assim, hoje me reconheço como uma lutadora pelos direitos das mulheres e pela comunidade LGBTQIA+.

Foram essas bandeiras que motivaram eu e minhas amigas a criarmos para uma cadeira o projeto chamado “Não Diga Isto”, com foco de conscientizar a sociedade sobre expressões e palavras que usamos no nosso dia a dia que carregam uma origem preconceituosa. Unidas pela luta contra os preconceitos, espalhamos cartazes estilo “lambe lambe” pelo bairro Cidade Baixa e pelo nosso campus da Unisinos, além de fazermos postagens semanais na nossa página no Instagram, que era nossa plataforma principal. Nosso projeto chamou atenção, além dos próprios alunos da universidade e do público das redes sociais, do jornal Sul21, do Canal Futura e da página Quebrando o Tabu.

Por também atuar na área do futebol feminino, presenciei muitas cenas de preconceito contra a mulher atleta por ser uma mulher que gosta de esportes que, na visão da sociedade, são predominantemente consumidos por homens. Quando comecei a me inserir mais nessa área esportiva, percebi que as pautas feministas e de gêneros são lutas que eu sempre vou defender, é impossível entrar em uma quadra sem levar essas bandeiras comigo.

Concluindo, reitero meu imenso interesse em averiguar de que forma as inúmeras estratégias comunicativas desempenhadas pela estrutura discursiva de Lady Night dão conta de fomentar para seu público a discussão de temas tão relevantes para a sociedade, ao mesmo tempo que é igualmente capaz de condicionar essas mesmas pessoas a um necessário e divertido viver.

1.2 LADY NIGHT

No Brasil, a maioria dos canais abertos já está inserida na lógica da hipertelevisão, como a Rede Globo que permite ao público mandar suas fotos e vídeos para serem mostrados durante o Fantástico ou do Big Brother Brasil, utilizar a marcação de *hashtags* do programa para ter seu *tweet* citado pelo apresentador, também sendo possível assistir conteúdos exclusivos no seu canal do YouTube.

Pertencente ao Grupo Globo, o canal Multishow, fundado em 1991, é conhecido por conter em sua programação conteúdos de música e comédia voltados para o público jovem. Nos seus primeiros anos no ar, o canal transmitia séries infantis, séries de jogos e seriados clássicos, como “I Love Lucy”. Já em 2006, o Multishow se transformou com uma nova linguagem e programação visual, migrando também para uma estação de rádio na web, denominada Multishow FM, trazendo o slogan “Multissintonizado” para simbolizar o início de uma nova fase, de acordo com o site Uol³.

Em 2017, Tatá Werneck fazia sua estreia no Multishow como apresentadora do seu próprio *talk show*, o Lady Night. Atualmente, a atração possui cinco temporadas, sendo a última exibida no final de 2020. A apresentadora já está recrutando convidados para a produção da sexta temporada. Segundo o site da produtora do programa no canal⁴, Floresta, o programa é composto por episódios de 40 minutos, divididos entre 20 e 25 episódios (com exceção da 4ª temporada, que teve 13 episódios, quando Tatá estava grávida).

Ainda de acordo com a produtora Floresta, o Lady Night se consolidou por ser o primeiro “*late show*” brasileiro a ser apresentado por uma mulher. Acompanhada por quatro humoristas, sendo eles Daniel Furlan, Marco Gonçalves, Grace Gianoukas e Felipe Gracindo, o *talk show* é composto por quadros, esquetes, música, atuação, humor, além de outras intervenções malucas que Tatá recruta seus convidados a participarem.

As temporadas de estreia são transmitidas de segunda a segunda, na faixa das 22h30, no Multishow, ficando disponíveis posteriormente no aplicativo de *streaming* da Globoplay e do MultishowPlay (com opção de “desgustação” dos primeiros episódios para não-assinantes). Mas foi somente em 2019, dois anos após o lançamento, que a atração foi ser exibida no canal aberto da Globo, no horário após o Big Brother Brasil. De acordo com o Estadão⁵, no dia 17 de janeiro daquele ano, o programa teve seus episódios exibidos toda quinta-feira, seguindo a programação do *reality show* apresentado por Tiago Leifert.

Por conta da pandemia, o Lady Night teve que reestruturar o programa de maneira que respeitasse as normas sanitárias para o controle da covid-19. Sendo assim, tendo que optar por uma plateia virtual, distanciamento físico com o convidado, uso de máscaras para os integrantes da banda e uma parede de plástico posicionada entre a apresentadora e o artista.

³ **ESTADO, Agência.** Multishow lança rádio via web e inaugura portal. A Tarde UOL, 2006. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/cultura/noticias/1095484-multishow-lanca-radio-via-web-e-inaugura-portal>. Acesso em: 10 maio. 2021.

⁴ FLORESTA PRODUÇÕES PARA TELEVISÃO. FLORESTA, 2021. Conteúdo de programas televisivos. Disponível em: https://florestaprod.com.br/list_producoes/lady-night/. Acesso em 23 jun. 2021.

⁵ Tatá Werneck estreia programa na TV Globo em janeiro. **Estadão**, 05 jan. 2019. Emais. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,tata-werneck-estrea-programa-na-tv-globo-em-janeiro,70002668308>. Acesso em: 15 jun. 2021

Lançado em novembro de 2020, a quinta temporada do programa contou com a participação de convidados como Xuxa, Luciano Huck, Alexandre Nero e Carlinhos Maia. Por ter sido desenvolvida durante a pandemia, o foco dos episódios era saber como os convidados estavam lidando com a quarentena e a convivência com seus respectivos parceiros.

Portanto, antes de adentrarmos nas pautas do feminismo e questões de gênero, é necessário compreendermos onde que se insere o *talk show* e como ele é caracterizado. No próximo capítulo, vamos analisar os conceitos de Hipertelevisão, flexibilidade dos gêneros e talk show.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 MUDANÇAS NA ERA DA HIPERTELEVISÃO

Atualmente é possível encontrarmos a televisão não somente no formato tradicional do aparelho de TV, mas em diversos outros dispositivos como computador, tablets e *smartphones*. A partir dessas novas formas de assistir a um programa de televisão, surgiram também ferramentas como o *on demand*, possibilitando o telespectador a acompanhar uma emissão novamente no aplicativo da emissora de televisão.

Essa experiência da televisão em todos os lugares e de controle sobre o conteúdo chama-se Hipertelevisão (SCOLARI, 2008). Trata-se ainda de uma relação recente com o espectador, devido a sua evolução conforme os avanços tecnológicos, caracterizada pelo uso das redes sociais, *zapping* transmidiático, experiência de participação, introdução de novas linguagens, entre outros. É neste contexto que percebemos a televisão enquanto objeto de pesquisa e o programa Lady Night como objeto empírico de investigação.

Com esse avanço da televisão para outras telas, o público foi sentindo o impacto das novas formas de interação com o conteúdo da emissão. Agora, é possível comentar um sobre um programa enquanto ele ainda está sendo transmitido ao vivo, mandar suas perguntas, comentários e até vídeos. É possível também interagir com a emissão a partir do uso de *hashtags* no Twitter ou utilizar o *chat* do YouTube. Além do canal já estar disponível em aplicativos de *streaming* e *on demand*, e como no caso do Multishow também estar acessível no GloboPlay e no NowOnDemand, o espectador garante um acesso mais fácil e planos mais baratos de assinatura para consumir determinado conteúdo exclusivo do canal.

É possível assistir a trechos do programa disponíveis no YouTube do canal, além de estar também disponível nas redes sociais como Facebook e no perfil oficial no Instagram da própria Tatá Werneck. Assim, todo mundo que possui acesso à internet – em dispositivos móveis ou não – pode conferir quadros do talk show de forma gratuita, sem a necessidade de fazer uma assinatura do canal.

Segundo uma pesquisa do Comitê Gestor da Internet do Brasil, em 2020, o Brasil chegou a 152 milhões de usuários de internet acima dos 10 anos, resultando em um aumento de 7% em relação ao ano anterior. Atualmente, o país possui 81% da população com acesso à internet em casa. Já um estudo do Centro de Tecnologia de Informação Aplicada (FGVcia) da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV EAESP), diz que no Brasil, há 424 milhões de dispositivos digitais, entre computadores,

notebooks, tablets e smartphones, sendo esse último, mais de um por habitante, resultando em 234 milhões de aparelhos inteligentes.

Indo na contramão, o número das assinaturas de televisão vem apresentando queda. As TVs em domicílio por assinatura caiu para 30,4% em 2019, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostras a Domicílio (Pnad Contínua), divulgada em abril pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O motivo pelo desinteresse se dá pela questão dos altos preços das assinaturas, representando 51,5% da população, já 41,6% não tinha interesse em assinar.

Portanto, como a própria televisão passou por mudanças, é possível perceber uma instabilidade aos gêneros televisivos e como estes também foram alterados ao longo da história da televisão. Neste capítulo, iremos analisar como as transformações da televisão têm impactado no próprio conteúdo da emissão e nos gêneros televisivos.

2.1.1 A instabilidade dos gêneros televisivos

As emissoras de televisão são compostas por programas de diversos gêneros, algumas são mais focadas em gêneros específicos do que em outros. Para Arlindo Machado (2003), as emissoras vão moldando a sua grade de programação a partir do interesse do público. Com base nos estudos de Mikhail Bakhtin sobre gêneros literários, o autor afirma que o gênero é todo o modo de trabalhar a matéria televisiva.

Machado (2003) afirma que os gêneros estão sempre em constante transformação na mesma medida que se busca a sua estabilização, conforme as tendências culturais vão mudando e se modificando. Para ele, o gênero é que também determina a linguagem de um meio, que é nele que se manifestam essas tendências expressivas, mais estáveis e mais organizadas.

O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero. Nisto consiste sua vida. (MACHADO, 2003, p. 69)

Machado (2003) deixa claro que os gêneros são mutáveis e heterogêneos, de maneira que cada gênero possa replicar muitos outros ao mesmo tempo, além de serem diferentes entre si. De acordo com o autor, Bakhtin acrescenta o surgimento do “Diálogo” como gênero, na Grécia antiga, a partir do método socrático.-

Segundo o autor, o diálogo era o próprio alicerce de toda uma cosmovisão filosófica na perspectiva de Sócrates, sendo baseada na natureza *dialógica* da verdade.

O método dialógico de busca da verdade se opõe ao monologismo oficial que se pretende dono de uma verdade acabada, opondo-se igualmente à ingênua pretensão daqueles que pensam saber alguma coisa. A verdade não nasce, nem se encontra na cabeça de um único homem; ela nasce entre os homens, que juntos a procuram no processo de sua comunicação dialógica. (MACHADO, 2003, p. 73)

Para Machado (2003), o diálogo favoreceu o ressurgimento de “formas” discursivas muito antigas e vitais para a televisão. São chamadas de “formas” em geral e no plural, pois na televisão o diálogo pode apresentar quatro modalidades: a Narrativa Seriada, o Telejornal, a Transmissão Ao Vivo e o Videoclipe. No Lady Night, é possível encontrarmos as formas de Narrativa Seriada e Transmissão ao Vivo.

A Narrativa Seriada é composta pela *serialidade*, uma apresentação descontínua e fragmentada do sintagma televisual, e das formas de narrativa, em que o *enredo* é constituído sob a forma de capítulos ou episódios, sendo apresentados em dia ou horários diferentes, além de ser subdividido em blocos menores, com *breaks* para entrada de comerciais ou de chamadas para outros programas. Os blocos também incluem, muito frequentemente, uma contextualização no início para refrescar a memória do telespectador, e um no fim para servir de gancho de tensão para o retorno da série após o *break* ou no episódio do dia seguinte.

O Lady Night encontra-se nessa forma por ser constituído no formato de temporadas e episódios, sendo a quinta temporada a última a ser exibida no Multishow, lançada em 2020. Cada capítulo é composto por *breaks*, sendo o último exibido antes do quadro “Entrevista com Especialista”, quando o convidado deixa o palco para dar espaço para o quadro. A última temporada também foi exibida com um episódio novo todos os dias, exceto aos finais de semana, durante todo o mês de novembro passado.

O autor determina a segunda forma do diálogo, o Telejornal. A partir do exemplo do telefilme “Special Bulletin” de 1983, o autor afirma que o telejornal não pode ser visto como um simples dispositivo de reflexão dos eventos, mas sim como um efeito de *mediação*, em que os enunciados dos repórteres e protagonistas aparecem como mediações inevitáveis. Esse tipo de forma não é apresentado no Lady Night, portanto não será aprofundado nesse capítulo.

A terceira forma fundada no diálogo, segundo o autor, é o da Poética da Transmissão Ao Vivo. Para ele, a transmissão *ao vivo* é aquela que marca mais profundamente a experiência da televisão, em comparação com as outras possibilidades do meio. Antes da

televisão e do rádio, as únicas formas expressivas que operavam com o ao vivo eram as artes performáticas, em que os atores performavam diante de um público.

Machado (2003) ressalta que nem tudo que vai ao ar é transmitido ao vivo, mas que a transmissão direta dá o modelo de produção para a programação da emissora. Muito do que é previamente gravado incorpora boa parte dos traços de transmissão ao vivo, porém esses mesmos programas pré-gravados são produzidos e editados nas mesmas circunstâncias das emissões ao vivo. O Lady Night é um programa gravado com meses de antecedência antes de ser exibido na televisão, mas a maneira que ele é gravado faz com que o telespectador pense que o programa está sendo exibido ao vivo, pois segue os mesmos moldes de gravação e edição da emissão transmitida em tempo real.

Embora a transmissão direta propriamente dita seja uma experiência fenomenológica específica, imprevisível e irrepetível, o seu registro em fita magnética ainda guarda parte das marcas de incompletude e intervenção do acaso, impossíveis de encontrar em trabalhos realizados em outras situações produtivas. (MACHADO, 2003, p. 126)

A última “forma” citada pelo autor é o da representação das imagens com a música, no caso os videoclipes. Foi apenas no final da década de 1920, com o surgimento do cinema, que houve uma mudança de comportamento, ainda muito tímida, em relação da sincronização do som com a imagem, o que antes era completamente rejeitado. O cinema e a televisão estão possibilitando uma nova perspectiva sobre a questão musical. Como essa forma também não é incorporada no programa de Tatá Werneck, não iremos nos aprofundar nela.

Assim como Machado, François Jost (2010) também compreende que os gêneros televisivos não são fechados, mas são categorias que dependem de fatores que vão além do conceito, eles consistem nas definições de “mundos”, tons e as suas promessas. De acordo com o autor, todos os gêneros possuem uma ligação além do “mundo” em que são inseridos e não tem como única função impor ou propor um sentido ao público.

Dentro do campo da programação televisiva, os gêneros são divididos em três unidades de “mundos”: real, fictício e lúdico. Estes mundos servem para identificarmos e classificarmos de maneira racional os gêneros, de forma que se possa formular arquigêneros. Jost (2010) diz:

O primeiro reflexo do telespectador é determinar se as imagens falam do mundo ou não, qualquer que seja a ideia que se faça desse mundo: essa visão de mundo varia segundo as idades (a realidade da criança não é a mesma do adulto) e as culturas (a representação do mundo real francês não é igual à do brasileiro, por exemplo). (JOST, 2010, p. 62)

No mundo real, encontram-se os gêneros como Documentário, como os programas de Telejornalismo, pois são apresentados fatos e acontecimentos da maneira que eles ocorreram, por meio de apresentação de documentos, sem a necessidade de acrescentar um fator fictivo ou a contratação de atores; no mundo fictício integram o gênero *Soap Opera*, classificando as novelas que assistimos no horário nobre; e no mundo lúdico é possível classificar o gênero de *Reality Show* e seus programas de auditório, assim mesmo como os *Talk Shows*, misturando elementos de realidade, mas sob o aspecto distanciado do show.

Mas não se pode ficar preso a essas categorias, pois os gêneros sofrem constantes transformações, ampliando o conceito de gênero para “mistura de gêneros” ou “confusão de gêneros”. O próprio programa da Tatá Werneck, o *Lady Night*, não pode ser totalmente compreendido como um gênero somente, pois o *Talk Show* é o resultado do que Jost (2010) classifica de “mistura de dois mundos”.

A aceção de “mistura de dois mundos” não leva em questão a junção de dois gêneros, mas sim mundos, de maneira contraditória. No caso do *Talk Show*, ele, de fato, pertence ao mundo lúdico, por possuir o elemento de entretenimento, mas também pode ser incluído ao mundo real, por também apresentar fatores de informação. Essa união de mundos fez criar a palavra-chave *infotainment*, remetente às emissões que misturam informação e entretenimento.

Os programas decorrentes do lúdico somente podem ser compreendidos em função de um universo regido pelas regras mais ou menos restritivas, exercidas em um mundo próximo da realidade, mas no qual os jogadores são pessoas atinentes ao mundo, antes de serem personagens. Esse envio a um mundo lúdico, a ser detalhado, não deve ser confundido com o tom lúdico. (JOST, 2010, p. 125)

Mas o que configura o *Lady Night* como integrante do mundo lúdico e não somente do real? O programa do canal Multishow apresenta dois fatores muito importantes para a compreensão desse mundo: jogo e divertimento. O divertimento é um espetáculo que visa distrair aquele que assiste, mas o jogo traz o prazer do divertimento em segundo lugar, priorizando o benefício simbólico que o jogador encontra.

O *talk show* de Tatá Werneck somente é o sucesso que ele apresenta hoje pela sua estrutura de receber celebridades e fazer com que elas participem de seus quadros de humor, que envolve desde a imitação de um artista até responder perguntas enquanto fazem diversas caretas. Nesse caso, o prazer do telespectador não envolve sua participação direta no jogo, nem de algum ganho, mas sim dos diálogos e situações criadas pelos convidados (jogadores). O jogo de imitação se aproxima muito do mundo fictício, já que se trata de assumir a pele de um personagem, assim como diz Jost (2010, p. 71): “O caso dos programas nos quais o

animador designa uma tarefa a um dos participantes, que então deve improvisar a imitação de tal personagem célebre ou representar uma situação”.

Para Jost (2010), os jogos televisuais são importantes sob o ângulo comunicacional, pois estes devem trazer simultaneamente, com efeito, satisfações ao candidato (no caso do *Lady Night*, as celebridades), ao telespectador e à emissora. E de fato, o programa trouxe satisfação à sua emissora, pois desde que foi ao ar em 2017, todas as suas temporadas foram reprisadas no canal aberto Rede Globo, sendo exibido no horário nobre, conforme indicamos na apresentação do objeto.

Mas além da “mistura de dois mundos”, os gêneros televisivos também sofrem da “justaposição de sequências de gêneros diferentes”. Esse conceito caracteriza a diversidade de conteúdo de uma programação, sendo denominado como “emissões *omnibu*⁶ (CASSETTI; ODIN, 1990), de forma que eram direcionados para todos os públicos.

Por fim, Jost classifica também a “mistura de tons” como um fator para o conceito de mistura de gêneros. Para o autor, a “confusão de gêneros” trata-se de uma discordância entre o tema abordado e o tom que se espera para tratá-lo. Nessa categoria, o *Lady Night* não apresenta essa contradição de tom com a temática, pois o programa é voltado para a comédia. Todos os quadros do programa têm a mesma promessa: consistem numa piada ou uma paródia com a celebridade convidada. Porém, pretendo analisar nos capítulos seguintes, momentos em que a animadora muda o tom para tratar de determinados temas.

Jost (2010) denomina que os *Talk Shows* estão localizados na fronteira do mundo lúdico. Para ele, esse gênero se dedica em debater um problema do mundo real, mas algumas emissões da categoria evoluíram na direção do jogo puro, mas outros se aproximaram da denominação de *infotainment*⁷.

Um exemplo citado por Jost é o programa francês *C'est mon choix*, de 1999, um *talk show* que inicialmente se propôs em debater temáticas do mundo real, como “Passei a minha vida a fazer regimes”. Já na sua última temporada, a emissão passou a integrar jogos e quizzes, se distanciando do conceito inicial do gênero, porém foi classificado como *talk show* até o final da sua transmissão.

A promessa de *Lady Night* é ser mais um programa de jogos do que propriamente *talk show*, mas a apresentadora sabe conciliar as abordagens mais sérias com seus convidados com piadas no meio de suas falas. O divertimento entre o animador e o

⁶ O show típico da neo-televisão é o programa omnibus, tanto de variedade quanto de informações, jogos, programas e publicidade.

⁷ *Infotainment*: hibridismo entre as categorias de *information* (informação) e *entertainment* (entretenimento), muito designado aos gêneros de *talk show*.

convidado e a entrevista são estrategicamente planejados durante a produção da emissão, nada é por acaso, apesar de Tatá Werneck saber utilizar muito bem o improviso, por isso o programa passa uma imagem de espontaneidade.

Na realidade, o divertimento vem essencialmente do fato de que todo desenvolvimento da emissão, apesar da sua aparente liberdade, obedece a um sistema de regras muito estritas, que o público presente no estúdio respeita e que assegura o bom funcionamento. (JOST, 2010, p. 139)

Apesar de a Rede Globo possuir hoje na sua programação diversas emissões do gênero *talk show*, o Lady Night não pode ser categorizado como pertencente ao mesmo mundo dos outros programas, pois ele apresenta uma “promessa” diferente aos dos seus colegas de emissora.

2.1.2 Entre o mundo lúdico e o real: as promessas do *talk show*

Tomando as emissões da Rede Globo como base, pode-se dizer que o *talk show* Lady Night, apresentado por Tatá Werneck, não apresenta as mesmas promessas que o programa *Conversa com Bial*, por exemplo, apesar de se enquadrarem no mesmo gênero de *Talk Show*. Considerando também que o gênero é uma importação do formato nos Estados Unidos, não é possível comparar o Lady Night com os conceituados *Late Show with David Letterman*, nem com *The Oprah Winfrey Show*, por também não integrarem da mesma promessa que o programa do canal Multishow.

Apesar do gênero *Talk Show* fazer parte do mundo lúdico com o real, a emissão comandada por Tatá Werneck se compromete com a brincadeira, quadros pensados propriamente no humor a ser criado com o convidado. Segundo Jost (2010), os gêneros televisivos são um campo de interação entre os produtores, difusores e telespectadores, tornando-se uma promessa de uma relação com os três mundos (real, fictício e lúdico). Nesse processo, Jost apresenta dois tipos de promessas: a ontológica e a pragmática.

O Lady Night propõe uma promessa ontológica, pois, de acordo com Jost (2010), está contida no próprio nome do gênero, sendo o conhecimento das promessas ligadas ao gênero mais ou menos compartilhadas pelo público. A emissão apresenta a promessa de riso, por ser propriamente um programa de comédia, concentrado no humor, independentemente se este alcança o sucesso sendo comédia. Mesmo que as performances das apresentadoras sejam muito diferentes por conta do tipo de humor utilizado, um exemplo no exterior do mesmo caso poderia ser o *talk show The Ellen DeGeneres Show*, em que a animadora

Ellen DeGeneres comanda uma emissão com a promessa de riso, diferentemente de seus concorrentes do mesmo gênero.

Esse tipo de promessa é bastante comum no Multishow, por ser um canal que apresenta diversas emissões de comédia na sua programação, como “Vai que Cola” e até outro *talk show*, o “Ferdinando Show”, se firmando como uma emissora do mundo lúdico. Porém, o fato de o Lady Night ser reprisado no canal aberto Rede Globo, que é constituída por programas de promessas pragmáticas do mundo real, se enquadra na fala de Jost (2010, p. 71) “A promessa pragmática pode também consistir em colocar uma ficção em uma noite consagrada a um problema da sociedade, o que acaba por autenticar a emissão aos olhos do telespectador”.

A promessa pragmática pode influenciar as crenças dos telespectadores, por isso as emissoras conferem nomes de gêneros aos programas da sua grade, principalmente pelo programa ainda ser de um formato novo, dificultando a categorização, ou por realmente ser complicado de o compreender. Um artifício utilizado pelas emissoras para designar a promessa pragmática são os diversos suportes de comunicação, como, por exemplo, as vinhetas de abertura.

Porém, os *talk shows* só chegaram ao Brasil em 1988, segundo Fernanda Maurício Silva (2009), com o “Jô Soares Onze e Meia”. Na época, o programa era exibido no canal Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e firmava a figura do Jô Soares como alguém que acrescentava humor e entretenimento enquanto recebia políticos como convidados. O “Jô Soares Onze e Meia” foi finalizado em 1999, mas, no ano seguinte, a Rede Globo estreava o “Programa do Jô”, dando continuidade ao *talk show* antes exibido no SBT.

No ar por quase 17 anos, o programa foi uma aposta certa da promessa ontológica, cumprindo o papel de ser um *talk show* de humor. Quem assistia sabia que ao finalizar o programa teria dado boas risadas com a performance de Jô Soares como animador, enquanto entrevistava os artistas convidados.

Então em 2017, a Globo lançou o seu novo *talk show*, “Conversa com Bial”, apresentado por Pedro Bial com a participação de convidados de diversas áreas. Com uma promessa pragmática, o programa promete ao espectador, com ajuda da sua abertura composta por cores escuras e um palco diferente do que havia sido construído com Jô Soares, um *talk show* voltado às temáticas sociais e políticas.

Enquanto a Globo demonstrava uma mudança na grade de programação, o Multishow lançou no mesmo ano o Lady Night, apresentando as mesmas promessas do riso e da comédia como o antigo programa de Jô Soares, mas com uma potência totalmente diferente, pois Tatá

Werneck como animadora vai muito além de Jô. Retornando com a estrutura de espetáculo, um animador, uma banda de apoio e uma plateia para se apresentar, Tatá consagrava o canal fechado na liderança da TV paga.

E apesar de ficar claro que ambos os *talk shows* Conversa com Bial e Lady Night tratam de promessas e mundos diferentes, é apenas o telespectador que deve definir se a emissão cumpriu o ato promissivo previamente apresentado. Para Jost:

Aplicadas à televisão, essas propriedades do ato promissivo têm como consequência o fato de que o telespectador não deva forçosamente aceitar as proposições de sentido da emissora; ele deve confrontá-las com o produto acabado, a emissão, em lugar de olhar com as viseiras impostas pela emissora. (JOST, 2010, p. 72)

Diferentemente também das outras emissões, o gênero *Talk Show* é caracterizado fundamentalmente pelo seu discurso oral, não necessitando de um apoio de imagens gravadas ou ao vivo para complementar sua fala. Apesar de parecer meio contraditório que um programa de televisão não utilize necessariamente recursos visuais, a matéria prima das palavras na televisão se faz herdeira do rádio.

Segundo Arlindo Machado (2003), a maioria das emissões que compõem a grade de *zapping* da televisão se funda na imagem prototípica de um *talking head* (cabeça falante), um artifício que serve como suporte para a fala de algum protagonista. Esse modelo também é muito utilizado pelas emissoras por se tratar de uma das formas mais baratas de televisão, sem necessitar de um longo tempo de produção. Alguns exemplos disso são: o depoimento oral, a entrevista, o debate, o discurso do âncora.

Essa disponibilidade para o discurso oral, de um lado, desviou a televisão para a facilidade, a comodidade e a banalidade dos *talk shows*, em geral voltados para a celebração de suas próprias estrelas, ou para algumas de suas derivações ainda mais degeneradas, como os programas de auditório e os *reality shows*. (MACHADO, 2003, p. 72)

Os autores Charaudeau e Ghiglione (1997) classificam o *talk show* como a palavra representada por imagens, uma troca-confrontação de opiniões organizada e dirigida por um animador. O gênero é classificado pelos autores como uma maneira de tratar temas que dizem mais ou menos respeito aos problemas da relação entre o indivíduo e a sociedade. O *talk show* também corresponde como um *espetáculo* da palavra, assim como uma forma de diálogo organizada de maneira fazer surgir o *conflito* e o *drama humano*.

Os autores categorizam a função de animador em sete tipos: *ampulheta*, *coordenador*, *entrevistador*, *provocador*, *professor*, *parteiro* e *distraindor*. Tatá Werneck, de acordo com as explicações de cada categoria citada acima, é considerada uma animadora mais *distraindora* do

que *entrevistadora*. No primeiro, o animador apresenta perguntas diretas que podem colocar em causa a opinião do entrevistado e a sua forma de responder, apesar dos autores explicarem que frequentemente se trata de um efeito de “tribunal”, como em casos de processos de justiça, prova oral dos exames e defesa de teses, como é o caso do *Conversa com Bial*.

Já como *distraidor*, Tatá Werneck se firma por atuar em um papel de animador que maneja o humor, a caricatura e da derrisão de forma espontânea, enquanto passa de um interlocutor para outro. Os autores afirmam que se trata de uma categoria em que o efeito é o de puro divertimento.

E dentro do gênero do *talk show* há também diferentes formas de *talk show*, como explicam Charaudeau e Ghiglione (1997). Para eles, não se pode colocar na mesma categoria *talk shows* de discurso polêmico e *talk shows* de discurso introspectivo, apesar das suas similaridades. O gênero de discurso polêmico põe em cena pessoas que são chamadas para a debater sobre um tema, de maneira a confrontar-se. São categorizadas pelo seu antagonismo e direcionadas a produzirem conversas polêmicas, tendo como exemplo a emissão *Ciel! mon mardi* (CMM), animada por Christophe Dechavanne.

Um exemplo brasileiro de um *talk show* de discurso polêmico é o *Saia Justa*, exibido no canal GNT, da Globo, desde 2002. As apresentadoras da temporada atual, Mônica Martelli, Astrid Fontenelle, Pitty e Gaby Amarantos, discutem com seus convidados temas como casamento, comportamento, política, sexualidade e educação, tendo como participações personalidades como a campeã da edição desse ano do BBB Juliette Freire, a cantora e ex-BBB Karol Conká, a líder indígena Sônia Guajajara e o médico Dráuzio Varella.

Já o *talk show* de discurso introspectivo apresenta pessoas que tiveram alguma experiência em comum e são chamadas a relatá-las, cada uma com seu ponto de vista. Para Charaudeau e Ghiglione (1997), esse tipo de gênero propõe um testemunho pessoal e comentário, como a emissão *Bas les masques* (BLM), animada por Mireille Dumas. Um outro exemplo brasileiro de *talk show* de discurso introspectivo é o *Encontro com Fátima Bernardes*, que recebe famosos e pessoas do dia a dia para contarem suas histórias de vida e relatarem histórias comoventes que foram bastante repercutidas durante a semana.

O programa de Tatá Werneck não se enquadra nas duas categorias de *talk shows* expressados pelos autores pois o *Lady Night* não utiliza o discurso polêmico com intuito de confrontar seus convidados, da mesma forma que não usa o discurso introspectivo para que seus convidados contem suas histórias de vida. Tatá traz assuntos considerados polêmicos aos seus convidados, mas não de forma antagonista como os autores propõem, e faz perguntas

diretas aos seus convidados sobre um momento específico de sua vida, de maneira que não se torne um longo relato.

Na próxima seção, iremos compreender as relações do feminismo e questões de gênero com o *talk show* Lady Night, a relação da apresentadora Tatá Werneck com as temáticas feministas que se fazem tão presente na produção do programa e como ela apresenta os assuntos aos seus convidados.

2.2 FEMINISMO E GÊNERO

Para compreendermos o papel de apresentadora que a Tatá Werneck desempenha no seu um *talk show*, é primeiramente necessário resgatar o passado da atriz e suas motivações com a militância. Neste e nos próximos subcapítulos, nós vamos analisar o contexto histórico do feminismo no Brasil e como a apresentadora se relaciona com os conceitos de performance de gênero, pensados por Judith Butler.

A apresentadora Tatá Werneck aborda a pauta feminista e questões de gênero na maioria dos episódios de seu *talk show* Lady Night. Porém, para compreendermos a relação de Tatá com a luta dos direitos das mulheres, é necessário resgatar o contexto histórico do movimento feminista no Brasil, apresentar como ele se manifesta atualmente e explorar como Tatá, desde cedo, já se considerava uma militante feminista e que se enquadrava fora dos padrões de gênero.

Em uma entrevista para a revista Claudia em 2017⁸, alguns meses após estrear o seu *talk show* Lady Night, Tatá Werneck contou sobre a sua trajetória, padrões de beleza e machismo, desde a infância até os preparativos para o programa do Multishow.

Na conversa, a atriz contou como ainda criança ela se preocupava com representatividade e inclusão nas escolas em que estudou. A primeira ocasião foi quando fez um abaixo-assinado no colégio religioso que frequentou, na época da oitava série, pois esse não era acessível para alunos com deficiência. Tatá entregou para o frei, líder da escola, a petição dizendo que os alunos estavam insatisfeitos com a falta de acessibilidade da instituição, mas acabou sendo convidada a se retirar do colégio após a manifestação.

Em uma situação, no colégio novo após ter sido expulsa do antigo, Tatá se retirou de uma aula após presenciar um comentário racista de um professor em direção a uma colega

⁸ Tatá Werneck fala sobre padrões de beleza, machismo e humor. **Claudia**, 30 set. 2017. Famosos. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/famosos/tata-werneck-fala-sobre-padroes-de-beleza-machismo-e-humor/>. Acesso em: 29 set. 2021.

negra. Apesar de não conhecer a menina, a jovem falou que se recusava a ficar na aula de um professor que incitava preconceito, e que, segundo o professor, só não acabou expulsa da nova escola em respeito ao seu avô, o historiador José Luiz Werneck.

Mais tarde, na época em que já cursava faculdade, Tatá e sua mãe, a jornalista e escritora Cláudia Werneck, se uniram e formaram o primeiro grupo de teatro dedicado a Pessoas com Deficiência (PCD) no Brasil, o chamado Os Inclusos e os Sisos. Enquanto esteve na formação, Tatá interpretou uma personagem com Síndrome de Down.

2.2.2 Breve história feminismo no Brasil

Segundo Constância Lima Duarte, no capítulo “Feminismo: uma história a ser contada” do livro “Algumas histórias sobre o feminismo no Brasil” (2020), o primeiro momento feminista acontece no início do século XIX. Esse primeiro momento também é chamado de primeira “onda” do feminismo que, de acordo com Bruna Santiago Franchini (2017), representa o período histórico que mulheres do final do século XIX e início do século XX começaram a clamar pelos seus direitos ao voto e participação política, além de pedir a abolição da escravatura.

A retórica predominante da primeira onda é o liberalismo e o universalismo. As mulheres defendiam que homens e mulheres, por serem iguais (principalmente no quesito moral e intelectual), ter iguais oportunidades (de estudos, de trabalho, de desenvolvimento, de participação política, de posições, enfim). É um feminismo que prega a igualdade. (FRANCHINI, 2017)

No Brasil, Nísia Floresta publicou seu primeiro livro em 1832, chamado “Direitos mulheres e injustiça dos homens”, se tornando o primeiro trabalho no país a abordar os direitos das mulheres à instrução e ao trabalho, além de ressaltar que elas deveriam ser tratadas com respeito e consideradas inteligentes. A autora se torna uma das primeiras mulheres no país a publicar textos na “grande” imprensa.

Apesar do livro ter sido uma tradução livre de Nísia da obra “*Vindications of the rights of Woman*”, de Mary Wollstonecraft, ele ainda é considerado um texto fundante do feminismo brasileiro. O trabalho de Nísia argumentava como os homens se aproveitavam da opressão feminina, já que essas não possuíam ainda o direito a educação, tornando-as inferiorizadas na sociedade da época.

O nosso primeiro momento feminista, mais que todos os outros, vem de fora, não nasce entre nós. E Nísia Floresta é importante principalmente por ter colocado em

língua portuguesa o clamor que vinha da Europa e feito a tradução cultural das novas ideias para o contexto nacional, pensando na mulher e na história brasileiras. (DUARTE, 2020, p. 29)

De acordo com Duarte (2020), em “Opúsculo humanitário”, de 1853, Nísia Floresta demonstrava o quanto conhecia do cenário das mulheres no exterior, expondo também um projeto educacional para tirar as mulheres da ignorância e da ociosidade. A autora ainda defendia que uma sociedade só pode ser avaliada pelo seu progresso ou atraso pela importância atribuída às mulheres.

O século XIX também se mostrou importante para o movimento feminista pelo surgimento dos primeiros jornais dirigidos por mulheres. O primeiro exemplar do *Jornal das Senhoras*, de Joana Paula Manso de Noronha, foi publicado em 1852, no Rio de Janeiro, e tinha como objetivo de incentivar as mulheres a buscarem um “melhoramento social e emancipação social” (DUARTE, 2020, p. 30). A fundadora do jornal, assim como Nísia Floresta, acreditava na inteligência das mulheres e também acusava os homens de egoísmo, pois para eles, as mulheres eram consideradas “crianças mimadas”, “sua propriedade” e serviam apenas para satisfazer o prazer masculino.

Dez anos após a publicação da primeira edição do *Jornal das Senhoras*, era lançado *O Belo Sexo*, de Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar, publicado no Rio de Janeiro. Diferentemente de seu antecessor, o periódico incentivava as colaboradoras a assinarem seus trabalhos e a participarem efetivamente das publicações do jornal, possibilitando que discutissem entre si os temas de cada edição.

É com o surgimento dos mais novos periódicos elaborados por mulheres que se consagra o segundo momento feminista no Brasil. Para Duarte (2020), é por volta de 1870, que o cenário brasileiro se volta para os jornais e revistas com caráter feminista, consideradas mais literárias e menos jornalísticas. A autora destaca de início *O Sexo Feminino* (posteriormente renomeado para *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*), comandado por Francisca Senhorinha da Mota Diniz, publicado entre 1873 e 1896. Nele, Francisca defendeu o direito das mulheres ao estudo secundário e ao trabalho.

O Echo das Damas, publicado em 1875 por Amélia Carolina da Silva Couto, era uma publicação que, segundo Duarte (2020), exaltava o cenário dos Estados Unidos como local que cultivava a inteligência das mulheres, citando o país como um exemplo a ser seguido em termos também de tecnologia e indústria.

Outro grande jornal do período foi *A Família*, dirigido pela jornalista Josefina Álvares de Azevedo, entre 1888 a 1897. A autora destaca que a jornalista clamou por mudanças na sociedade da época e foi quem questionou a construção ideológica do gênero feminino, trabalhando em prol da emancipação das mulheres, por meio da defesa do direito ao voto e à cidadania.

À frente do jornal, Josefina realizou um intenso trabalho de militância feminista, sendo incansável na denúncia da opressão e nos protestos pela insensibilidade masculina e por não reconhecer o direito da mulher ao ensino superior, ao divórcio, ao trabalho remunerado e ao voto. (DUARTE, 2020, p.33)

Em Porto Alegre, um jornal que teve relevância feminista, em 1888, foi *O Corimbo*, fundado pelas irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo. O material, que circulou até 1944, apresentava editoriais redigidos por Revocata que defendiam o voto, a educação e a profissionalização de feminina no Brasil. O jornal se tornou, de acordo com Duarte (2020), um símbolo na mobilização das mulheres, por divulgar também os avanços dos outros países e assim incentivar as brasileiras a fazerem o mesmo.

Por fim, a revista *A Mensageira*, de 1987, dirigida por Presciliana Duarte de Almeida, publicava em praticamente todas as suas edições a defesa pela educação superior das mulheres, além de textos divulgando o feminismo. Duarte (2020) ressalta que, em 15 de outubro de 1899, a publicação intitulou um comentário de “O feminismo”, em que abordava a abertura do mercado de trabalho para as mulheres.

De acordo com Dulcília Buitoni, conforme citado por Duarte (2020), esses periódicos da época se tornaram um forte canal de expressão para as mulheres, com objetivo de exercer funções “conscientizadoras, catárticas, psicoterápicas, pedagógicas e de lazer”.

Já o terceiro momento do feminismo brasileiro, além da reivindicação do direito ao voto, as mulheres também começaram a lutar pelo espaço no mercado de trabalho. Segundo Duarte (2020), o século XX iniciava com as mulheres pedindo a ampliação no campo de trabalho, pois queriam trabalhar em comércios, hospitais e indústrias.

Durante esse período, um grande nome na campanha pelo voto feminino e igualdade de direitos entre homens e mulheres no país foi Bertha Lutz. De acordo com a autora, Bertha fundou, junto de outras companheiras, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que, segundo a filósofa e colunista Djamila Ribeiro (2020), tinha como objetivo lutar pelo sufrágio feminino e pelo direito ao trabalho, sem a autorização do marido. A Federação esteve presente em quase todos os estados durante praticamente 50 anos.

Colaborou com Bertha na criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino Maria Lacerda de Moura, que iniciou sua luta feminista reafirmando a educação como fator indispensável na transformação de mulheres, com a publicação “Em torno da educação”, de 1918. Segundo Duarte (2020), Maria Lacerda de Moura foi presidenta da Federação Internacional Feminina e propôs a inclusão da disciplina “História da mulher, sua evolução e missão social” nas escolas femininas.

A década de 1920 foi particularmente pródiga na movimentação de mulheres. Além de um feminismo burguês e bem-comportado que logrou ocupar a grande imprensa, com suas inflamadas reivindicações, o período foi marcado pelo surgimento de nomes vinculados a um movimento anarcofeminista, que propunha a emancipação da mulher nos diferentes planos da vida social, a instrução da classe operária e uma nova sociedade libertária, mas discordavam quanto à representatividade feminina ou à ideia do voto para a mulher. (DUARTE, 2020, p. 36)

A década de 1920 também foi marcada pelo lançamento do “Manifesto Feminista” ou também chamado de “Declaração dos Direitos da Mulher”. Duarte (2020) explica que o manifesto à nação foi assinado por Bertha Lutz, Jerônima Mesquita, Maria Eugênia Celso e Clotilde de Mello Vianna, esposa do vice-presidente da República, Fernando de Mello Vianna. Em 1929, a América do Sul assistiu à primeira mulher se tornar prefeita, no município de Lajes, no Rio Grande do Norte.

Alzira Soriano derrotou, com 60% dos votos, um coronel conhecido da região e estampou os noticiários do exterior em países como Estados Unidos, Argentina e Uruguai. Apesar do direito ao voto ter sido conquistado apenas alguns anos depois, a eleição de Alzira foi possível por conta de uma lei estadual que permitia a participação das mulheres na política.

O movimento feminista brasileiro teve sua maior conquista registrada em 1932, quando durante o governo de Getúlio Vargas, Foi quando as mulheres adquiriram o direito ao voto, obtendo os mesmos direitos que os homens, segundo Duarte (2020). Porém, as mulheres só passariam a participar ativamente das eleições em 1945, pois Vargas havia suspenso a disputa eleitoral.

Um grande destaque do terceiro momento do feminismo no Brasil foi a Primeira Exposição do Livro Feminino, em 1946, no Rio de Janeiro, organizado pela advogada, escritora e feminista Adalziria Bittencourt. A advogada foi uma das maiores divulgadoras da causa da mulher no país, que alertava sobre a construção da memória feminina brasileira. Segundo Duarte (2020), o evento de quinze dias foi muito repercutido na imprensa e garantiu mais uma edição no ano seguinte, em São Paulo, reunindo mais de mil livros e 560

escritoras. A Primeira Exposição do Livro reuniu palestras sobre a mulher na história e na música, além de abordar temáticas como divórcio, o papel da imprensa e a literatura de autoria feminina.

Foi também com a chegada da televisão nos anos 1950, que o país viu as primeiras mulheres comandarem programas. Segundo os autores Bibiana Rigão Iop, Mariana Olhaberriet Silva e Carlos Alberto Batke (2019), foi em 1955 que surgiu o primeiro programa feminino brasileiro. Chamado “O mundo é das mulheres”, a atração era transmitida pela TV Paulista e apresentada por Hebe Camargo. Onze anos mais tarde, a apresentadora foi para a Rede Record, onde apresentou o programa homônimo chamado “Hebe”. Hebe Camargo tornou-se um ícone da televisão brasileira. Durante sua carreira, seu programa permaneceu 40 anos no ar mudando diversas vezes de emissora.

A década de 1960 se tornou emblemática pelo início dos estudos acadêmicos sobre a mulher, o que foi chamado de “feminismo acadêmico”. Desse período surgiram nomes como Heleieth Saffioti, Eva Blay, Carmen Barroso e Neuma Aguiar, referências em trabalhos e centros acadêmicos, segundo Heloísa Buarque de Hollanda (2019). A tese de Heleieth, “A mulher na sociedade de classe: mito e realidade” foi defendida em 1967 e se tornou um livro *best-seller*, considerado até hoje referência nos estudos de gênero, apesar da autora na época não se considerar uma feminista. De acordo com Hollanda (2019, p. 13), Heleieth “era apenas uma mulher de esquerda fortemente interessada na condição feminina”.

Então, nos anos 1970, o feminismo brasileiro entrava no seu quarto momento, marcado pela revolução sexual e a literatura. Durante esse período, foi implementado no Brasil o Dia Internacional da Mulher, comemorado no dia 8 de março, por iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU). Foi também entre 1960 e 1970 que surgiram no país os “grupos de reflexão”, que eram grupos de conscientização do ativismo feminista.

De acordo Hollanda (2019), os grupos de reflexão abordavam questões profissionais, domésticas, políticas, além da literatura feminista trazida do exterior. Outros países também estavam alinhados com as mesmas temáticas, que representam a segunda onda do feminismo, que vai da década de 1950 até 1990. No Brasil,

A segunda onda teve início nos anos 1970, num momento de crise da democracia. Além de lutar pela valorização do trabalho da mulher, pelo direito ao prazer e contra a violência sexual, essa segunda geração combateu a ditadura militar. O primeiro grupo que se tem notícia foi formado em 1972, sobretudo por professoras universitárias. Em 1975, formou-se o Movimento Feminino pela Anistia. No mesmo ano, surgiu o jornal Brasil Mulher, que circulou até 1980, editado primeiramente no Paraná e depois transferido para a capital paulista. (RIBEIRO, 2018, p. 45)

É considerado um fato emblemático da história feminista brasileira o seminário da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), ocorrido entre 30 de junho e 6 de julho de 1975. Hollanda (2019) explica que a data é reconhecida como um pioneirismo do ativismo e dos trabalhos acadêmicos sobre a mulher, acompanhados de um forte compromisso político contra a ditadura e às desigualdades sociais.

Esse período do feminismo foi marcado pelo seu momento mais radical, pois, segundo Franchini (2017), essa época foi pautada na sexualidade e funções reprodutivas das mulheres. O surgimento da pílula anticoncepcional permitiu à mulher se desvincular da obrigação da maternidade. Para Duarte (2020), uma expressão que definiu a década de 1970 foi “nosso corpo nos pertence”.

É durante esses anos que a segunda onda feminista reforça a distinção entre sexo e gênero, muito a partir do trabalho de Simone de Beauvoir, que não é possível atribuir, de maneira biológica, valores e comportamentos às mulheres. De acordo com Ribeiro (2018), a filósofa francesa colocou a mulher no centro do debate afirmando que há uma imposição social de como as mulheres deveriam se comportar. Assim, o sexo passa a ser reconhecido como uma característica biológica e o gênero como uma construção social.

Segundo Franchini (2017), o gênero é apresentado como um conjunto de características impostos a cada indivíduo dependendo do seu sexo.

Em termos de teoria, as feministas de segunda onda buscaram identificar a origem da condição feminina – por que somos oprimidas, e o que todas as mulheres do mundo têm em comum que justifique estarmos todas, coletivamente, em situação pior do que as dos homens, de forma geral? (FRANCHINI, 2017)

Em 1975, Rose Marie Muraro fundou, com outras colegas, o Centro da Mulher Brasileira, que, como explica Duarte (2020), tratava-se de uma entidade pioneira do novo feminismo nacional que desenvolveu importantes pesquisas relacionadas a sexualidade das mulheres brasileiras. Rose Marie trabalhava com a relação entre ideologia e feminismo, o que chamava de “feminismo da fome”, um movimento que devesse incluir as mulheres de camadas mais pobres do Brasil, de acordo com Hollanda (2019).

Segundo a autora, ela não integrou os estudos feministas acadêmicos, mas realizou grandes pesquisas com a temática da sexualidade, como seu livro “Sexualidade da mulher brasileira”, colocando como questão principal a divisão entre ativismo feminista e os grupos de esquerda. E foi uma pioneira no editorial feminino, estando à frente da Editora Rosa dos Tempos, ligada à Igreja Católica. Foi um nome marcante da época por ter sido responsável

pela vinda da autora norte-americana Betty Friedan (“A Mística Feminina”), ao Rio de Janeiro, e, ao ceder uma entrevista ao Pasquim, ambas sofreram agressões verbais.

Mas o feminismo apresentado até agora nesse capítulo não contemplava a participação de mulheres negras, apesar de existirem feministas negras desde a primeira onda. No contexto internacional, o movimento que ia para as ruas reivindicar seus direitos e que ganhava visibilidade tratava-se de um feminismo branco, estadunidense e eurocêntrico.

Então, ao mesmo tempo que lutavam por direitos para si mesmo, algumas participavam de grupos como o KKK (Klu Klux Klan), por exemplo. O que explica muita coisa em termos de desconfiança do movimento negro com boa parte da branquitude feminista. (FRANCHINI, 2017)

Segundo Djamila Ribeiro (2018), o feminismo negro só começou a ganhar forças na segunda onda, entre as décadas de 1960 e 1980, mas foi em 1973 que foi fundada a *National Black Feminist*, nos Estados Unidos, onde se iniciou a literatura feminista negra. Já no Brasil, foi no final da década de 1970 e início dos anos 1980 que o movimento começou com objetivo de que as mulheres negras se tornassem sujeitos políticos.

No país, o feminismo negro se estabeleceu a partir do III Encontro Feminista Latino-Americano, em Bertioga, no ano de 1985. Foi no evento que surgiu a atual organização de mulheres negras que visam garantir maior visibilidade política no campo feminista. De acordo com a socióloga Núbia Moreira, conforme citado por Djamila Ribeiro (2018, p. 52), “A partir do encontro ocorrido em Bertioga, se consolida entre as mulheres negras um discurso feminista, uma vez que em décadas anteriores havia uma rejeição por parte de algumas mulheres negras em aceitar a identidade feminista”.

Um dos grandes nomes do feminismo negro brasileiro é Lélia González. A pensadora e feminista negra defendia o feminismo afrolatinoamericano e refletia sobre a ausência de mulheres negras e indígenas no feminismo hegemônico, além de criticar o feminismo de caráter eurocêntrico, que as intelectuais da época reproduziam. Segundo Djamila Ribeiro (2020), a pensadora ressaltava a importância do feminismo como uma prática e teoria no combate às desigualdades e também considerava o movimento como uma busca pelas novas formas de ser mulher.

Importante ressaltar o quanto é fundamental para muitas feministas negras e latinas a reflexão de como a linguagem dominante pode ser utilizada como forma de manutenção de poder, uma vez que exclui indivíduos que foram apartados das oportunidades de um sistema educacional justo. (RIBEIRO, 2020, p. 25)

É em 1989, com a ascensão do feminismo negro, que surge o termo “interseccionalidade”, sistematizado pela professora e teórica feminista norte-

americana Kimberlé Crenshaw. Como Ribeiro (2018) explica, a luta feminista precisa dar espaço para a voz e as especificidades no ser mulher. “Torna-se urgente incluir e pensar as intersecções como prioridade de ação, e não mais como assuntos secundários” (RIBEIRO, 2018, p. 47). A interseccionalidade explica que a luta feminista não representa totalmente todos os tipos de mulheres, pois existem diferentes tipos de preconceitos que as mulheres sofrem dentro de sua sociedade. Por exemplo, uma mulher branca heterossexual não é tratada da mesma maneira do que uma mulher negra lésbica dentro do contexto em que vivem.

Também nos anos 1980, segundo Iop, Silva e Badke (p.10, 2019), a Rede Globo iniciou a transmissão do programa “TV Mulher”, apresentado por Marília Gabriela e Ney Gonçalves Dias, de segunda a sexta-feira no período da manhã. O programa era dedicado às mulheres modernas e a própria abertura da exibição mostrava os bastidores de uma central técnica da emissora e somente mulheres no comando, enquanto ao fundo tocava “Cor de Rosa Choque”, música de Rita Lee.

Outro marco desse período foi o programa de Marta Suplicy, “Comportamento Sexual”. Para Iop, Silva e Batke (2019), a exibição tratava de assuntos que eram considerados tabus ainda para a época como menstruação, orgasmo, impotência sexual e sexo seguro, se tornando o primeiro a tratar sobre intimidade feminina na televisão brasileira. Em 1982 o programa foi encerrado pela Rede Globo por, segundo os autores, receber alto número de multas e também pelos protestos contra a discussão sobre sexualidade. Já em 1999, a apresentadora foi para a TV Bandeirantes, a frente do programa “Jogo Aberto”, com objetivo de debater as mesmas questões, mas a atração saiu do ar no final do mesmo ano.

Foi na década de 1990 e início do século XXI que o feminismo entrava na sua terceira onda, mais conhecida como um marco da intersseccionalidade, teorias decoloniais, queer, desconstrução da noção de gênero e pós-modernidade. A terceira onda no Brasil foi bem marcada, pois, segundo Hollanda (2019), começaram a surgir coletivos de mulheres para discutir o machismo no campo acadêmico. Teses e pesquisas de outras áreas, além das ciências sociais, começaram a abordar de forma maciça questões de gênero e sexualidade e a diversidade dos feminismos, com foco a pauta do “lugar de fala”.

Tanto gênero quanto categorias biológicas, portanto, por exemplo, são construções sociais, pois fruto de ciências enviesadas pelo olhar masculino. O grande denominador comum aos movimentos de terceira onda é a busca pela destruição de pensamentos categóricos e a crítica às prévias narrativas de liberação e vitimização, características da segunda e da primeira onda. (FRANCHINI, 2017)

Sobre esse período do movimento, irei abordar mais claramente na segunda seção do capítulo, ressaltando a importância da teórica e filósofa Judith Butler para o feminismo e para os debates de questões de gênero.

Com o surgimento da internet e das redes sociais, o feminismo, a partir dos anos 2010, já começou a desenvolver a sua quarta onda do seu movimento. Segundo Franchini (2017), esse período é caracterizado pelo uso maciço das redes para organização e propagação de pensamentos feministas, com pautas focadas em cultura do estupro, representação das mulheres na mídia, abusos e denúncias.

É frequente, por outro lado, que as feministas de quarta onda rejeitem o rótulo de “feministas”, por simplesmente rejeitarem rótulos em si, ou, ainda, por considerá-lo excludente (levando em consideração o histórico do movimento): a noção de um feminismo que luta por e para apenas mulheres agora é ultrapassada e negada. (FRANCHINI, 2017)

Por ser muito recente e ainda estarmos vivermos esse momento, não há tantos materiais de pesquisas acadêmicas sobre tal contexto histórico. Mas a partir do documentário “#EuVocêTodasNós” de 2016, do Canal Futura⁹, temos uma visão geral de como o feminismo atua nos dias de hoje, com as ferramentas do Facebook, Instagram e Twitter.

Desde 2013, pelo menos, o Brasil é tomado pelas *hashtags* nas páginas da internet para filtrar publicações sobre determinado assunto. #EuVocêTodasNós foca nessa ferramenta como um aliado na luta feminista brasileira. O documentário apresenta *hashtags* que viralizaram nas redes sociais e na mídia ao longo dos anos como o #MeuPrimeiroAssédio, #DeixaElaEmPaz, #MeuAmigoSecreto, #SouFeminsitaPq e o #NiUnaMenos, sendo esse último temática de manifestações pela América Latina.

A diretora do filme, Ellen Paes, explica como as redes sociais serviram de “megafones” para o feminismo brasileiro, principalmente o Facebook, por ser considerado um divisor de águas para a militância. A partir do uso das *hashtags*, as mulheres foram capazes de expor seus abusos e manifestações na internet, sendo muito abordado pela mídia. Um exemplo citado no documentário é a hashtag #PrimeiroAssédio, que atingiu a marca de mais de 80 mil *tweets* no Twitter, com mulheres relatando os primeiros assédios que sofreram na vida.

Fazendo referência aos protestos e manifestações ocorridos em 2010 no Oriente Médio contra os regimes autoritários, a revista Época, em 2015, lançou a edição 909 com a capa: “Primavera das Mulheres: as mulheres tomam as ruas e criam um movimento que

⁹ FUTURA, Canal. #EuVocêTodasNós. **YouTube**, 19 jul. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Re_wL4kP41I. Acesso em: 27 set. 2021.

agitam o país”. A publicação trouxe um compilado de relatos de mulheres que sofreram algum tipo de violência e como as manifestações, organizadas pelas redes sociais, pararam o Brasil durante aquele período.

De qualquer forma, as mulheres de hoje estão vivendo num mundo em que expressões como “feminismo” e “igualdade de gênero” estão pouco a pouco deixando de ser palavras para serem jargões midiáticos, iscas para consumo, e a forma como a próxima onda de feministas vai responder a tudo isso é decisiva para o futuro do próprio movimento feminista. (FRANCHINI, 2017)

Na próxima seção do capítulo, vamos analisar o contexto histórico que antecedeu a quarta onda feminista, permitindo o questionamento dos rótulos que vemos hoje circular em meios online e fora dele. Faremos esse movimento a partir do pensamento da filósofa Judith Butler, abordando seus conceitos sobre gênero e performance.

2.2.3 Gênero e Performance

E é nos anos 1990 que o feminismo inicia sua terceira onda, período que o movimento reforça ainda os seus direitos das ondas passadas, mas mais focado para temáticas como estupro, patriarcado, sexualidade, empoderamento feminino, performance e gênero. Segundo Franchini (2017), a terceira onda é marcada pela interseccionalidade, rejeição de identificação de objetivos comuns e a desconstrução de termos que reforçavam a irmandade entre mulheres e termos que universalizavam o conceito de mulher.

Termos e conceitos como *sisterhood* agora eram evitados, quando não problematizados e desconstruídos, justamente porque agora eram considerados excludentes com a imensa variedade de mulheres que existe (para essas feministas, a ideia de união/unidade defendida pela segunda onda implicava necessariamente numa anulação das especificidades de cada grupo de mulher). (FRANCHINI, 2017)

É a partir da terceira onda que o movimento começou a questionar os conceitos de gênero e sexo, trazendo estes como construções sociais concebidas através de um olhar masculino. Franchini (2017) explica que as feministas da terceira onda se apropriaram também dos estereótipos associados às mulheres na primeira e segunda onda, assim como de condutas e símbolos femininos.

Foi na década de 1990 que esse pensamento ganhou força, a partir da proposta de Judith Butler, que apresentou ao mundo a teoria *queer* e o debate sobre questões de gênero e performance de gênero. A filósofa afirma que os gêneros não são determinados pela natureza ou inscritos nos nossos corpos, mas “aquilo que colocamos, invariavelmente, sob controle, diária e incessantemente, com ansiedade e prazer” (BUTLER, 2019, p. 213).

É no seio da terceira onda que Judith Butler desenvolve, em sua tese de doutorado *Problemas de gênero* (1990), sua teoria de gênero enquanto performance/performatividade (que rompe o paradigma da divisão entre natural e social, sexo e gênero), lançando as sementes para a teoria queer que se desenvolveria mais profundamente ao longo da década de 90. (FRANCHINI, 2017)

Butler (2019) aborda como os gêneros, diferentemente do que Beauvoir defendia na segunda onda, estão na repetição estilizada de certos atos, gestos corporais, movimentos e ações, apoiados em construções sociais e tabus. A teórica explica que, quando Beauvoir afirma que “Não se nasce mulher. Torna-se”, ela coloca a “mulher” numa categoria histórica e não num fato natural, fazendo a distinção entre sexo e gênero, sendo o primeiro um fato biológico e o segundo uma interpretação cultural desse fato.

Segundo Butler (2019), há também a problemática na famosa fala da filósofa francesa. O termo “torna-se mulher” está associado a uma ideia histórica do que é ser “mulher”, enfatizando que o corpo sofre uma construção cultural para encaixar o corpo ao gênero feminino, o que Butler afirma tratar-se de ficções culturais.

Gêneros discretos são parte das exigências que garantem a “humanização” de indivíduos na cultura contemporânea; e aqueles que falham em fazer corretamente seus gêneros são regularmente punidos. (...) Porque gênero não é um fato, as várias formas de atuação de gênero criam a própria ideia de gênero, e sem esses atos não existira gênero nenhum. (BUTLER, 2019, p. 217)

A filósofa, além de ser reconhecida principalmente pela teoria queer, também aborda a teoria feminista nos seus estudos de identidades de gênero. Para Butler (2019), o feminismo, apesar de ter lutado e conquistado direitos para as mulheres, também acaba reproduzindo condições de opressão, como identidades de gênero de forma descuidada, sustentando formas binárias das categorias de homem e mulher.

Butler (2019) explica que as identidades de gênero se manifestam de diferentes maneiras. Ela diz que ao longo da vida, conforme o corpo é exposto, as expectativas enraizadas sobre cada gênero agem em sociedade vão moldando cada pessoa. Então, o indivíduo passa a “performar” esse gênero, de forma a corresponder ao contexto social em que vive.

Dessa forma, a sociedade machista e patriarcal em que vivemos espera que homens sejam altos, fortes, com barba ou bigode e sem emoções, enquanto mulheres devam ser frágeis, mães, usam salto e maquiagem e que são domésticas. Isso são os “atos” que Butler teoriza, ações sociais que exigem uma performance repetitiva.

Um exemplo recente desse tipo de afirmação é a manchete da matéria da revista *Veja* sobre Marcela Temer, esposa do ex-presidente Michel Temer, quando a publicação a chamou de “bela, recatada e do lar”, reforçando aquele padrão induzido do que é ser mulher.

Os atores estão sempre no palco, inseridos nas demarcações da performance. Assim como um roteiro pode ser interpretado de diferentes formas, e uma peça demanda texto e atuação, os corpos atribuídos de gênero atuam num espaço culturalmente restrito e performam suas interpretações de acordo com as diretrizes existentes. (BUTLER, 2019, p. 223)

Por isso, os gêneros só são tidos como reais enquanto estiver sendo performado. Para Butler (2019), os atos são vistos como expressões de uma identidade de gênero que estão ou de acordo com uma identidade já esperada, ou vão totalmente em contrapartida. Porém, a filósofa explica que performar o gênero de maneira considerada socialmente “errada” implica em punições, sejam elas diretas quanto indiretas.

O documentário “#EuVocêTodasNós” explica de maneira didática como se manifestam essas performances. A diretora Ellen Paes explica que elementos que nos são ensinados como características femininas, como usar batom e saia, se tratam de performances de feminilidade. Mulheres trans acabam utilizando esses códigos sociais para que se expressem com o gênero que se identificam. No documentário, a transfeminista Rosa Luz fala: “Eu não nasci homem, apesar de eu ter um pinto, eu sempre fui mulher. A sociedade que impôs para meu corpo que eu deveria ser um homem por conta da minha genitália”.

O filme também aborda a questão do vestuário como código de performance de gênero. Apesar de haver o questionamento de que roupas não tem gênero, a diretora explica que essas peças são sim atribuídas a determinado gênero, pois a gente aprende isso socialmente. As vestimentas também são uma performance. Ellen Paes cita como exemplo que desde que nascemos, uma menina já ganha diversos vestidinhos rosas e os pais furam as orelhas da criança com brinco para que seja socialmente identificada como uma menina.

No documentário, somos apresentadas a um coletivo de mulheres lésbicas feministas separatistas, que privilegiam a presença da mulher na sociedade, sendo uma delas Mari Lopes. Ela cita como esses padrões de gênero que estão enraizados na nossa sociedade colocam mulheres lésbicas como homens transgêneros, apenas por optarem usarem roupas masculinas: “Não, eu continuo sendo mulher”.

A partir desse conceito apresentado por Butler, pode-se afirmar que a apresentadora Tatá Werneck performa de maneira física com o gênero feminino no qual ela se identifica. Porém, os atos estão também presentes nas falas e nos discursos de cada indivíduo, espera-se

que aqueles que se identificam com o gênero masculino fale alto, use palavrões, termos escatológicos e que faça humor. Já aqueles que se identificam com o gênero feminino sejam delicadas, fale sobre maquiagem, sapatos, a fazeres do lar..., mas Tatá rompe com esse pensamento.

A apresentadora do Lady Night não reafirma o gênero nos seus discursos. Se formos analisar a partir da teoria sobre questões de gênero de Judith Butler, podemos perceber que Tatá Werneck rompe com os atos esperados para o comportamento da categoria mulher.

O fato de a realidade dos gêneros ser criada por performances sociais estabelecidas significa que a própria noção de uma essência do sexo, uma masculinidade ou feminilidade verdadeira ou tão antiga quanto o tempo, também é concebida como parte de uma estratégia que disfarça o aspecto performático do gênero. (BUTLER, 2019, p. 225)

Por ter sido uma criança travessa, desde a infância Tatá rompia com esses pensamentos de gênero. Em uma entrevista para a revista *Claudia*, em 2017¹⁰, a apresentadora recorda: “Além de transgressora e militante, eu era bagunceira. Havia uma lista dos dez mais da escola, eram nove caras e eu. Eles continuaram lá. Só eu fui expulsa”. Segundo o frei da escola, isso não era coisa de menina, Tatá relembra: “Os freis diziam: ‘Uma menina não pode se portar desse modo. Menino a gente já está acostumado, é assim mesmo, mas menina fazendo esse tipo de coisa?’”

Então, a atriz não correspondia aos padrões de identidade, pois é subentendido na sociedade que meninas deveriam ser frágeis, delicadas e boas moças, enquanto os meninos têm liberdade para serem bagunceiros e fazerem brincadeiras, mas isso são coisas que Tatá sempre se identificou em ser e não se preocupava em corresponder aos rótulos.

Além da questão visual, os conceitos de Judith Butler sobre performance de gênero se fazem presentes também na área que Tatá atua, que é a comédia. Por ter essa ideia de gênero de que mulher não pode fazer certas coisas e corresponder às expectativas expostas pela sociedade, a profissão de comediante por muito tempo esteve relacionada por ser uma área dos homens.

Tatá, ainda na MTV, quebrou esse pensamento e adquiriu destaque no canal, mostrando que as mulheres podem fazer humor como qualquer um de seus colegas homens.

¹⁰ Tatá Werneck fala sobre padrões de beleza, machismo e humor. *Claudia*, 30 set. 2017. Famosos. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/famosos/tata-werneck-fala-sobre-padroes-de-beleza-machismo-e-humor/>. Acesso em: 29 set. 2021.

Piadas de baixo calão e comentários fálicos fazem hoje Tatá uma das maiores comediantes do país conquistando, assim, o seu próprio *talk show* no Multishow¹¹.

No próximo capítulo, vamos então analisar como a apresentadora aborda as temáticas de feminismo e questões de gênero em seus discursos no programa Lady Night, em episódios previamente selecionados para esse trabalho.

¹¹ Dentro da história da televisão brasileira, muitas atrizes comediantes ganharam reconhecimento e prestígio, como Regina Casé e Fernanda Torres. Porém, nessa nova geração, a partir dos anos 2010, Tatá Werneck e Dani Calabresa se destacaram como referência entre os jovens.

3 METODOLOGIA

Depois de apresentar o referencial teórico, neste capítulo irei abordar a Análise do Discurso como movimento metodológico para o estudo de sentidos, além de apresentar a construção do meu corpus de pesquisa e os procedimentos metodológicos que nos permitiram realizar a análise.

3.1 ANÁLISE DO DISCURSO

Para o capítulo da Metodologia, vou abordar a Análise de Discurso (AD). Seguindo a linha francesa, a autora Marcia Benetti (2016), no livro “Pesquisa em Comunicação: Metodologias e Práticas Acadêmicas”, diz que a Análise do Discurso é uma forma de problematização da linguagem, já que o homem é um ser constituído na linguagem, a partir do seu jeito de pensar, sentir, expressar e ao se relacionar com o outro.

Na Análise de Discurso, encontra-se um conceito fundamental que é o dialogismo, que se manifesta a partir da relação entre sujeitos (chamado de intersubjetividade) e a relação entre discursos (interdiscursividade). Benetti (2016) explica que na AD a intersubjetividade é fundamental pois “a relação sempre se dá entre sujeitos, e o texto é uma materialidade discursiva em potência, que se concretiza ao produzir sentidos por um sujeito que o enuncia ou o interpreta” (2016, p. 236).

A Análise de Discurso busca compreender como um discurso funciona, ou seja, que sentidos estão sendo produzidos, quem são os sujeitos que falam e que posições ocupam para enunciar, para quem esses sujeitos estão falando, como os diversos discursos estão sendo articulados, quais são os modos de controle do poder-dizer. (BENETTI, 2016, p. 252)

Segundo a autora, a questão crucial por trás da AD é: “como um discurso funciona?”. É necessário que o analista enxergue o texto como o resultado de um processo, sendo assim um material complexo e um objeto “opaco”. Benetti (2016) diz que há três tipos de objetos na Análise de Discurso: 1) Textos de Mídias Tradicionais e Organizações; 2) Textos Autônomos; 3) Textos Metodológicos. Para esse trabalho, vou utilizar o primeiro tipo de objeto.

A autora exemplifica o primeiro tipo de objeto como aqueles textos de jornalismo, publicidade, organizações, cinema, ficção seriada, entretenimento, mercado editorial, sites de redes sociais, campanhas políticas, música, entre outros. No caso desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), esse método nos possibilita considerar o *talk show* como um

gênero televisivo com características particulares, conforme apresentamos no capítulo sobre televisão.

As características do discurso que está sendo analisado e suas propriedades conceituais precisam ser reconhecidas e estudadas, sob pena de a análise ser superficial ou mesmo equivocada. Se um discurso adquiriu importância suficiente para se tornar objeto de pesquisa, não lhe deve ser negado o lugar epistêmico que ele de fato tem: a especificidade de um corpo de conhecimento, (BENETTI, 2016, p. 245)

Na Análise de Discurso, a unidade de análise é o texto, seja ele verbal ou não-verbal, além de poder possuir só uma letra ou até diversas páginas. A partir disso, a AD, segundo Benetti (2016), apresenta quatro tipos de abordagens: 1) Análise dos Sentidos; 2) Análise dos Sujeitos; 3) Análise do Silenciamento e 4) Análise de Estruturação do Discurso.

Para essa minha pesquisa, vou utilizar a Análise dos Sentidos. Esse tipo de abordagem, como explica Benetti (2016), permite o analista enxergar duas camadas de texto: a camada discursiva e a camada ideológica. A primeira é considerada mais “visível” e a segunda só é possível observar quando aplicado o método, de acordo com a autora. A camada ideológica é o conceito fundamental no processo de atribuição de sentidos, pois ele explica, segundo a autora, aquilo que é visto como a única interpretação possível do texto analisado.

Assim, após reunir os principais sentidos localizados e agrupá-los em Formações Discursivas (FD), o analista tem, então, a tarefa de buscar as formações ideológicas fora do espaço do texto analisado. Benetti (2016) explica que essas formações também são chamadas de discursos “outros”, que podem possuir seja de uma formação política, religiosa, econômica, estética e entre outros. Tomamos como base o feminismo e as questões de gênero para pensar as formações ideológicas no discurso do programa.

A lógica da AD nos diz que um sentido sempre vem representar aquilo que poderia ser dito, naquela conjuntura específica, por aqueles sujeitos em particular, instados ideologicamente a dizer uma coisa, e não outra. (BENETTI, 2016, p. 248)

A Análise de Discurso com o tipo de abordagem de sentidos também é configurada pelo conceito de Sequência Discursiva (SD). Segundo Benetti (2016), esse elemento é o trecho que o analista selecionou do texto em análise por conter itens que são respondidos pela questão de pesquisa.

As questões de pesquisa nessa abordagem, de acordo com a autora, são perguntas como: “Que sentidos sobre Y são construídos por A?”, “Que sentidos sobre X e Y são

construídos por A, B e C?” e também “Como o sentido X é tensionado por A na situação F?”. Portanto, aqui retomo os meus objetivos geral e específicos com essa pesquisa, como:

Objetivo geral: Que sentidos sobre feminismo e gênero são construídos durante as entrevistas do *talk show* Lady Night, com Tatá Werneck?

Objetivos Específicos:

- A. Identificar os episódios em que as questões de gênero e o feminismo são objeto de debate no programa;
- B. Compreender a promessa do programa a partir da sua estrutura;
- C. Apontar os núcleos de sentidos relacionados às questões feministas e de gênero;
- D. Problematizar as construções destes sentidos sob a perspectiva dos estudos feministas e de gênero.

Para esse trabalho, a partir do conceito da Análise de Discurso, as minhas Sequências Discursivas foram identificadas a partir dos episódios previamente selecionados da terceira e quarta temporada do *talk show* Lady Night. As SDs escolhidas para o meu TCC podem ser visualizadas na tabela que construí juntamente com a planilha de Excel, com o nome e temática de cada capítulo.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por já acompanhar a carreira e trajetória da atriz Tatá Werneck desde os tempos de canal MTV até os dias atuais, em que sua figura é mais frequente nas redes sociais (com um total de 49,4 milhões de seguidores no Instagram até o fechamento desse trabalho), optei por utilizar o seu programa Lady Night como objeto para essa pesquisa. Selecionei o *talk show* como o objeto do trabalho, pois me identifico com as pautas que Tatá aborda no programa, como as que vão ser abordadas na análise dessa pesquisa, e por conta do humor muito satirizado e rápido que Tatá apresenta com os convidados.

Percebi que o *talk show* Lady Night apresentava muito material para os estudos da Análise de Discurso, a partir da abordagem dos sentidos, com as temáticas de feminismo e questões de gênero. Por isso, iniciei o processo metodológico assistindo todas as cinco temporadas do programa da Tatá Werneck disponíveis na plataforma de *streaming* do Globoplay.

Após assistir às cinco temporadas, concluí que seria mais relevante para essa pesquisa abordar a terceira e quarta temporada do *talk show* (gravadas em 2018 e 2019, respectivamente). Dos 25 episódios da terceira temporada, optei por selecionar somente seis

episódios e da quarta temporada, escolhi quatro dos 11 episódios disponíveis. A quinta temporada, apesar de ser a mais recente, não foi indicada para o trabalho pois, como foi gravada e exibida durante a pandemia, não é o foco abordar a temática e os formatos adaptados para essa nova realidade que vivemos.

Entre eles destacarei os seguintes programas, ordenados numericamente de acordo com a sua grade televisiva: Terceira Temporada são os programas de número 51, 53, 57, 62, 64 e 65. Já da Quarta Temporada são 72, 74, 75 e 77. De outra forma, saliento de antemão que elaborei previamente a decupagem dos referidos programas selecionados objetivando analisar os momentos mais pertinentes para discussão deste trabalho.

A partir dos capítulos escolhidos, em uma planilha Excel, os enumerei, em ordem de aparição, aqueles que abordam as pautas feministas e de gênero, anotei quais são os convidados de cada capítulo e realizei a degravação dos momentos em que Tatá e a celebridade do capítulo abordam sobre tais temáticas.

Elaborei duas planilhas de Excel para essa pesquisa: uma tabela geral com todos os convidados de cada temporada e o número de cada episódio, colocando ao lado do nome do artista, uma breve explicação do assunto abordado na entrevista. Na outra planilha estão os episódios selecionados para esse Trabalho de Conclusão de Curso, somando no total 10 capítulos, repetindo as mesmas características da planilha geral: nome da celebridade, número respectivo do programa e a temática da entrevista.

Na etapa de degravação, apresentei a temporada em que a celebridade é convidada, número do episódio e a minutagem exata em que a apresentadora Tatá Werneck e o entrevistado falam sobre feminismo e questões de gênero. Cada capítulo do Lady Night está dividido por página, para uma leitura mais leve e direta.

Tabela 1 – Convidados da terceira temporada

TERCEIRA TEMPORADA LADY NIGHT		
GRAZI MASSAFERA Estigmas e Autoestima	ELIANA Maternidade e Sororidade	ROBERTA MIRANDA Relacionamento e Sexualidade
SUSANA VIEIRA Autoestima	IZA Racismo e Feminismo	MARAIA E MARAISA Preconceito no mercado sertanejo

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Tabela 2 – Convidados da quarta temporada



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Na próxima seção do capítulo, analisarei a estrutura do programa, para, finalmente, apresentar os Núcleos de Sentidos dos episódios selecionados abordando os conceitos apresentados nos capítulos posteriores, como os gêneros televisivos, feminismo e questões de gênero.

3.3 ESTRUTURA DO PROGRAMA

Iniciarei minha análise do objeto abordando primeiramente elementos fixos do *talk show* Lady Night, que são repetidas brincadeiras que a apresentadora elabora com os convidados. Esses fatores são quadros fixos apresentados em todos os episódios aqui selecionados para essa pesquisa e que são de extrema importância para a análise do corpus.

Primeiro, é necessário observarmos o nome que leva o programa: Lady Night. O nome, se traduzido livremente para o português, significa “Noite da Dama” e, segundo o dicionário de língua portuguesa, “Dama” é a palavra designada a uma mulher adulta, uma senhora, e também representa um nome dado a uma mulher nobre ou para tratar com

cortesia. Assim, o título do programa apresenta um sentido de algo “refinado”, “chique” ou “nobre” para o *talk show* de Tatá Werneck. Porém, esta é uma construção irônica, já que a apresentadora não é representada por ser essa figura de “dama” ou uma “*lady*”, ela representa completamente o oposto, devido às suas performances de gênero.

Figura 1 – Cenário Lady Night



Fonte: Gianne Carvalho/Multishow/Extra (2017)¹².

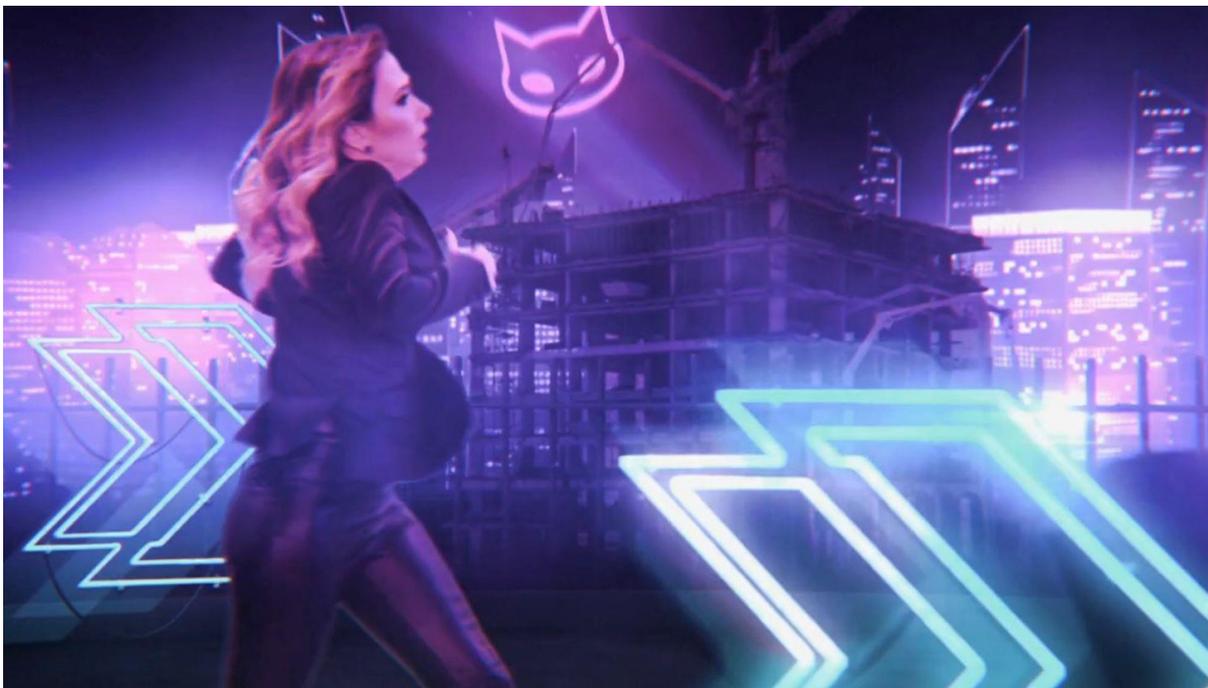
Tatá Werneck, por conta de seu humor escatológico e fálico, não remete a esse ser da nobreza que leva o nome de seu programa. Acredito que a escolha do “Lady” seja para representar uma figura feminina à frente de um *talk show*, mas muitos dos programas do gênero levam no título o nome do apresentador, e, em casos de *talk shows* norte-americanos, seguido do sufixo “Show” ou “Night”. Por exemplo: Jô Soares Onze e Meia, Programa do Jô, The Noite com Danilo Gentili, *The Ellen DeGeneres Show*, *The Oprah Winfrey Show*, *The Tonight Show Starring Jimmy Fallon*, *Late Show with David Letterman*, entre outros.

Juntamente com o título do programa, é interessante analisar o vídeo de abertura do *talk show*. Logo no início, Tatá está caminhando nas ruas de uma cidade enquanto mexe no celular, quando avista uma figura de um gato no céu, formado por um holofote. Aqui, trata-se de uma clara referência ao personagem herói dos quadrinhos da DC Comics Batman, que recebe um chamado iluminado no formato de um morcego toda vez que precisa solucionar um

¹² ANDRADE, Naiara. No ‘Lady night’, Tatá Werneck põe famosos em situações inusitadas: ‘Criei coragem para perguntar o que ninguém pergunta’. In: **Extra**, 09 abr. 2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/no-lady-night-tata-werneck-poe-famosos-em-situacoes-inusitadas-criei-coragem-para-perguntar-que-ninguem-pergunta-21169235.html>. Acesso em: 1 nov. 2021.

crime. Assim, pode-se dizer que através desse engendramento narrativo que o programa convida o espectador a imaginar esse cenário de que a apresentadora está sendo recrutada para resolver um “crime”, no caso, para apresentar o programa.

Figura 2 – Tatá Werneck na cena de abertura do *Talk Show*



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021).

Na encenação fílmica, a apresentadora corre e escala prédios como se estivesse atendendo um chamado de ajuda. Ao final da abertura, ela chega no seu destino final no terraço de um edifício, com a figura do gato no céu ao fundo. Para encerrar, sobe a logotipo do programa com o título *Lady Night* formando uma lua nova. A palavra “*Lady*” está escrita em letra cursiva, com a tipografia chamada “*Great Vibes*”, de acordo com o site *Font Squirrel*¹³, reforçando aquela ideia de algo “refinado”, e o “*Night*” é usado a tipografia “*Riesling*”, segundo o portal *DaFont*¹⁴, remetendo aos letreiros de bares nova-iorquinos, onde se concentram grandes nomes dos *talk shows* norte-americanos.

¹³ Disponível em: <https://www.fontsquirrel.com/fonts/great-vibes>. Acesso em: 1 de nov. 2021

¹⁴ Disponível em: <https://www.dafont.com/pt/riesling.font?text=NIGHT&psize=l>. Acesso em: 1 de nov. 2021

Figura 3 – Vinheta de abertura do Lady Night



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021)

Um elemento frequente na abertura do programa que posteriormente veremos também no cenário é a constante presença da cor violeta. De acordo com a autora do livro “A Psicologia das Cores: como as cores afetam a emoção e a razão”, Eva Heller (2012), a cor púrpura é considerada a cor que representa o feminismo. Foi durante o período da primeira onda feminista, em 1908, que a inglesa Emmeline Pethick-Lawrence tornou popular três cores para representar a luta do movimento: violeta, branco e verde.

De acordo com Emmeline, conforme citado pela autora Eva Heller (2012, p. 206), “O violeta, como cor dos soberanos, simboliza o sangue real que corre pelas veias de cada mulher que luta pelo direito ao voto, simboliza sua consciência da liberdade e da dignidade”. Eva (2012) explica que por volta dos anos 1970 a cor púrpura voltou a se popularizar como a cor do feminismo e dez anos depois, em 1980, com o surgimento da peça de roupa macacão jeans na cor lilás, foi declarado o fim da vestimenta feminista.

Já no cenário em que Tatá comanda seu programa, pode-se observar elementos que reforçam a ideia de “esconderijo” referenciando ao personagem Batman, como já citado anteriormente. A decoração do *talk show* simula um apartamento situado no alto de um prédio, com uma janela para uma vista falsa de uma cidade anoitecendo. Espalhados no cenário, há também grandes bonecos de gatos, ligando com o chamado que ela recebe na abertura do programa.

Portanto, Tatá Werneck pode ser compreendida como a personagem Mulher-Gato do universo do justiceiro de Gotham City, por conta desses elementos mais diretos. A anti-heroína é uma ladra de jóias, dominadora das artes marciais e, após esbarrar com o homem-morcego, decide criar um traje semelhante com o do justiceiro e adota o nome de Mulher-Gato. Ela já foi representada no cinema por atrizes como Michelle Pfeiffer, Halle Berry e Anne Hathaway, dando à personagem uma personalidade de empoderada.

Por possuir um passado sombrio, envolvendo muita violência e relacionamentos abusivos, suas semelhanças com a apresentadora ficam somente na decoração do palco e na abertura do programa.

Após esses elementos mais estéticos do Lady Night, o *talk show* também apresenta quadros de humor que são fixos em todos os episódios selecionados para essa análise. Além da entrevista com a celebridade convidada do capítulo, o programa é constituído de dois quadros humorísticos: “Entrevista com Especialista” e o “Desculpa, Só Queria Te Beijar”.

O primeiro trata-se de uma sátira do programa de entrevistas De Frente com Gabi, apresentado pela jornalista e atriz Marília Gabriela. Ambos acontecem com a apresentadora sentada de frente para seu convidado, somente com uma pequena mesa os separando. Assim, Tatá satiriza o especial televisivo ao incorporar uma personagem mais “intelectual”, fazendo uso de óculos do mesmo modelo que a jornalista utiliza em De Frente com Gabi.

Figura 4 – Quadro “Entrevista com Especialista”



Fonte: Reprodução/Globo (2017).

Figura 5 – Programa “De Frente com Gabi”



Fonte: Roberto Nemanis/SBT (2012).

Diferentemente de como vamos averiguar nos episódios selecionados, no quadro “Entrevista com Especialista” Tatá Werneck performa uma figura diferente do que ela vivencia durante o restante do programa. Aqui, ela interpreta uma jornalista séria, até o tom em que ela enuncia as perguntas é mais “fechado” do que o utilizado durante a entrevista com o artista convidado. Porém, essa carga imaginária construída por ela para passar essa impressão de seriedade é corrompida pelas perguntas de duplo sentido e piadas feitas para o entrevistado especialista.

Já no quadro “Desculpa, Só Queria Te Beijar” é o momento do programa em que Tatá constrói um cenário imaginário em que ela e o convidado em questão estão envolvidos em uma cena com deusas para um momento romântico com beijo. Dessa forma, a apresentadora atrai o espectador para essa situação previamente planejada, sem a necessidade de construir um cenário físico ou de outros elementos para a composição do espaço. É importante ressaltar que esse quadro é o único do *talk show* que a apresentadora conta com apoio humorístico de colegas homens, esses assumindo um papel coadjuvante em todo o programa.

Na encenação debochada, Tatá traz para a prática os conceitos apresentados anteriormente por Judith Butler (2019) sobre performances de gênero. No quadro, a apresentadora inventa desculpas para conseguir um beijo do convidado em situações inusitadas, e quando a celebridade é mulher, Tatá assume um personagem com trejeitos ditos como masculinos. Estufar o peito, engrossar um pouco o tom de voz e mudar até o jeito de andar, a apresentadora nunca performa uma situação de relacionamento entre duas mulheres, apesar de se identificar com o gênero feminino, ela performa sempre um personagem masculino no quadro.

Nesse momento do *talk show*, Tatá Werneck também questiona, de forma irônica, a sua própria sexualidade quando está encenando com uma convidada mulher. Porém, no quadro “Desculpa, Só Queria Te Beijar”, em vez de simular uma cena romântica entre duas mulheres, um relacionamento lésbico, a apresentadora convoca a plateia e o telespectador uma performance de um personagem masculino, resultando em interação heterossexual.

Enquanto vemos a maioria dos programas que estão disponíveis na televisão brasileira sendo comandados por homens e utilizando mulheres como “apoio cenográfico”, aqui nesse caso, Tatá é quem pilota o Lady Night e assume um papel de dominadora do programa. Isso pode ser notado também no quadro “Meu Programa, Minhas Regras”, uma clara sátira com a expressão adotado pelo movimento feminista: “Meu Corpo, Minhas Regras”. Conforme

citado no capítulo dois, sobre gêneros televisivos, reitero o papel desempenhado por Tatá enquanto uma animadora e as definições posteriormente elencadas sobre o gênero *talk show*.

Assim, trato de apresentar minhas observações preliminares sobre o referido objeto, no intuito de desenvolvê-las ao longo da análise, buscando entender como se dá o processo de produção de sentido imposto pelas práticas discursivas ora presentes no programa *Lady Night*.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 SENTIDOS SOBRE GÊNERO E FEMINISMO

O referido corpus tratará de recuperar dez episódios (divididos em duas temporadas) entre os quais selecionei aqueles que carregam significativo material discursivo para a produção da análise. Para tanto, reconheci os seguintes personagens: Tatá Werneck como o Enunciador 1; Convidados/Convidadas como Enunciador 2; Colegas Humoristas como Enunciadores 3; Banda como Enunciador 4; Plateia como Leitor Real; Telespectador como o Leitor Imaginário.

Também reconheço nessa análise as funções da plateia do programa como Enunciadores. Para o telespectador, que é o Leitor Imaginado, o público presente no *talk show* desempenha o cargo de Enunciador por atuar e participar da produção do discurso. Assim, também identifiquei a produção do Lady Night como parte relevante e enunciativa do *talk show*, denominados Co-Enunciadores. Contudo, não irei me aprofundar nessas perspectivas da Análise do Discurso. Elas serão úteis no momento de fazer referência aos sentidos apresentados.

4.2 ANÁLISE DOS NÚCLEOS DE SENTIDOS

Nos dez episódios selecionados no corpus, encontrei no total seis Núcleos de Sentidos para a análise desse trabalho. A partir desse momento, irei agrupar quais dessas sequências se enquadram em tais núcleos e os discursos utilizados pelos enunciadores para essa categorização. Para essa análise foi possível identificar tais Núcleos de Sentidos: Crítica aos padrões estéticos; Sexualidade e Identidade de Gênero; Valorização da Autoestima e Segurança da Mulher; Exaltação pela Igualdade de Gênero; Crítica aos Padrões de Maternidade e Feminismo e as Transformações do Papel da Mulher.

NÚCLEO DE SENTIDO 1: CRÍTICA AOS PADRÕES ESTÉTICOS

Figura 6 – Grazi Massafera



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021).

Começando o exercício de análise, encontrei quatro episódios que se encaixam nesse tipo de núcleo, são eles: Grazi Massafera, Eliana, IZA e Deborah Secco. Em cada uma dessas sequências, a temática dos padrões estéticos foi presente, porém cada convidada tomou uma postura de sentidos diferente quanto ao assunto.

Com a atriz e modelo Grazi Massafera, a apresentadora inicia fazendo o questionamento se ela já sofreu algum preconceito devido ao estigma da “mulher bonita e burra”.

“Mas eu acho que aceitava isso, eu me achava burra” (Episódio 51)

A atriz revela que sim, já sofreu desse preconceito, porém acreditava nisso, afirmando que não se achava inteligente e que foi somente com o discurso do ex-apresentador do Big Brother Brasil, Pedro Bial, que ela passou a ganhar confiança sobre a própria intelectualidade.

“Ele falou muito sobre antes do preconceito com homossexual, o discurso foi entre eu e o Jean na época. Antes do preconceito com o homossexual, existe o preconceito com a mulher loira, se ela é Miss, se ela isso e aquilo, e aí eu fui ouvindo e sentia em mim uma

força interior tão importante pra tudo que veio depois que eu agradeço o Bial.”

Compreendo a presença do conceito de Interdiscursividade, citado por Benetti (2016), em que Bial, nesse momento, desempenha o papel de um Enunciador C, pois Grazi recupera o discurso dele na sua própria fala.

A partir disso, Grazi faz revelações de caráter íntimo a Tatá, colocando a mesma como uma espécie de confidente, “abrindo seu coração” para a humorista. Assim, uma postura notada pela atriz quanto a esse núcleo é o sentido de revelação, um relato pessoal como vítima desse sistema opressor, carregando essa crítica aos padrões estéticos que a sociedade machista e patriarcal implica sobre as mulheres. E sobre isso, é possível compreender o quão difícil, disputado e cruel é o universo dos concursos de beleza. Como disse, Grazi fala sobre o quanto foi obrigada pelos padrões estéticos vigentes a incorporar a forma física “desejada”.

Conforme foi visto no capítulo sobre Feminismo nessa pesquisa, a fundadora do *Jornal das Senhoras*, Joana Paula Manso de Noronha, em 1852, apontava o egoísmo dos homens de reduzirem as mulheres enquanto indivíduos, por enxergarem elas apenas como serviçais do prazer masculino, portanto, ela exaltava a inteligência das mulheres. Quase 170 anos depois dessa afirmação da autora, a ideologia heteronormativa se mostra ainda presente a partir da fala de Grazi de mulheres que ainda se sentem inferiores e não dignas de inteligência.

Dito isso, é interessante observar nessa sequência como, da mesma forma que a figura do homem que “dita” as regras de uma sociedade por décadas - dizendo de que maneiras uma mulher deve se vestir, o que dizer, fazer, cargos que podem ocupar no mercado de trabalho e entre outros – é um mesmo homem que desempenha um papel para que uma mulher ganhe autoconfiança e autoestima. Resumindo: para Grazi poder se empoderar, ela precisou ouvir o discurso de um homem.

Porém, é necessário ressaltar o conceito de interseccionalidade, como visto no capítulo do Referencial Teórico. Segundo Ribeiro (2018), a luta feminista necessita ser interseccional, em que se deve visar uma sociedade onde mulheres possam existir sem uma hierarquia de gênero e sem que sofram outras opressões, como: racismo, lesbofobia e a transmisoginia. Nesse sentido, é importante observarmos Grazi Massafera como uma mulher que sofre diferentes estigmas, mesmo sendo uma mulher branca (já que mulheres negras acabam sofrendo mais preconceitos na nossa sociedade), por conta do pensamento machista “loira burra”.

Assim, sua fala é dotada de uma significativa crítica a essa consciência da beleza. Grazi, em sua fala delicada, sem dúvida alguma reitera seu repúdio a esses valores que são

revigorados por uma sociedade de consumo. Da mesma forma, Tatá Werneck compactua com as posições defendidas por Grazi, posicionando-se como uma verdadeira confidente, disposta não só a escutá-la como também pronta a acolhê-la em seu depoimento.

Figura 7 – Eliana



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021).

Já no episódio com a apresentadora Eliana, a postura quanto ao núcleo é diferente ao citado posteriormente com Grazi Massafera. O núcleo de sentidos é o mesmo, em que a questão da beleza é posta em evidência, no entanto, o discurso se diferencia da fala anterior por convocar a voz das mulheres como um todo, onde esse estigma de “mulher bonita” é descartado.

Tatá Werneck: “Você é uma mulher muito bonita e eu acho que as mulheres que são muito bonitas são muito desejadas. Tu acha que ainda tem essa coisa de terem que mostrar que também são muito talentosas? Porque você é muito talentosa, você domina o teu programa como ninguém e você faz teu programa muito bem. Você acha que ainda tem esse espaço para o preconceito em relação à mulher que antes era tido como objeto?” (Episódio 53)

Nesse momento, Tatá Werneck questiona Eliana se ela teve alguma vez que, além de ser uma mulher bonita, provar que era talentosa, relacionando com a perspectiva machista que a sociedade tem sobre a mulher enquanto objeto. A convidada responde que a reeducação é a

base para a transformação na sociedade, desde reeducar crianças a até mesmo as próprias mulheres.

“Isso é um movimento que está acontecendo agora, porque **tinha uma tradição das mulheres competirem com as mulheres. Acho que agora a gente também tá se reeducando, a gente também tá aprendendo a nos apoiarmos umas às outras.”**

Aqui, a proposta de sentido apresentado por Eliana quanto a pressão estética é ampliar o debate sobre sororidade, se dirigindo para as mulheres de uma forma geral.

Eliana: “Acho que isso é um papel nosso de levantar, nos unir e de levantar a outra mulher. Acho que é fundamental isso.”

Enquanto Grazi, como mencionada acima, abordava uma crítica a partir do seu relato pessoal sobre a pressão que sofreu com esses padrões estéticos impostos, Eliana reforça a questão da problemática convidando as mulheres que estão assistindo ao programa para procurar quebrar esse pensamento, promovendo uma quebra com a ideologia vigente na nossa sociedade.

Por fim, Tatá finaliza a sequência trazendo uma palavra que conceitua o pensamento apresentado por Eliana: sororidade. De acordo com o dicionário de Língua Portuguesa¹⁵, a palavra significa a união de mulheres que compartilham os mesmos ideais, caracterizado por ser de teor feminista e de apoio mútuo entre mulheres.

Tatá Werneck: “Essa palavra **sororidade**, que a minha dicção não permite falar, é muito importante porque uma vai conquistando uma coisa e abre espaço pra outra, acho isso muito legal.”

O termo se fez mais presente no movimento feminista somente a partir da onda recente ainda vigente, como é possível observar no caso do documentário “#EuVocêTodasNós”, de Ellen Paes, em que diversos grupos de mulheres se unem para dividir suas experiências e, assim, ajudar uma as outras. Apesar de seu significado ser o que as mulheres vêm lutando desde 1800, a palavra só tomou grandes proporções na mídia há poucos anos e só foi incluída

¹⁵ Academia Brasileira de Letras inclui 'feminicídio', 'sororidade' e 'home office' em vocabulário atualizado da língua portuguesa. In: **G1**, 23 jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/07/23/academia-brasileira-de-letas-vocabulario-atualizado-lingua-portuguesa.ghtml>. Acesso em: 13 de nov. 2021

no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa esse ano, pela Academia Brasileira de Letras.

Figura 8 – IZA



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021).

Foi possível observar que a cantora IZA, na verdade, permeia sua fala em dois núcleos de sentidos distintos: o que faz referência a crítica pelos padrões estéticos e o de valorização da autoestima da mulher. Nesse primeiro momento, irei abordar as produções de sentidos encontrados no primeiro núcleo, respectivamente.

Tatá Werneck: “Antigamente, uma mulher, por exemplo, que tinha o cabelo cacheado e lindo ou vinham com um penteado afro, **ela era barrada de entrar numa empresa, ela era barrada de fazer uma série de coisa e não por uma decisão dela, mas porque impunham para ela.** Você já passou por isso?” (Episódio 64)

Ao ser perguntada pela Enunciadora A (Tatá) se já havia sofrido alguma pressão estética que as mulheres negras sofrem para se encaixarem na sociedade heteronormativa branca, a Enunciadora B (IZA) relata em um tom de completa afirmação que começou a alisar o seu cabelo aos 12 anos de idade.

“Super! Eu alisei meu cabelo praticamente minha infância inteira. Eu comecei a alisar meu cabelo com 12 anos de idade, ninguém falava sobre cabelo crespo, era cabelo ruim.”

Na época da sua infância, ela afirma que não havia esse debate sobre “amor-próprio”, então que o seu cabelo crespo era considerado como um “cabelo ruim” pelos seus colegas de aula.

Porém, nesse diálogo da cantora, é necessário observarmos a sua fala mais a fundo. Nos dois casos anteriores, estávamos falando de duas mulheres cis, brancas, que afirmaram sofrer pressões estéticas e que demonstraram repúdio contra essa ideologia ainda predominante na nossa sociedade. São duas mulheres que, apesar de afirmarem que passaram por tal pressão, são consideradas dentro do padrão estético “desejado”. Aqui, estamos falando de uma mulher negra, uma figura que já sofreu e sofre ainda hoje invisibilidade na nossa história.

Acredito ser de extrema relevância para essa sequência abordar novamente o termo de Interseccionalidade, sistematizado pela professora e teórica feminista norte-americana Kimberlé Crenshaw. Pois, além do preconceito de ser mulher, a cantora IZA acaba sofrendo questões por ser negra e, como ela mesma relatou, desde muito cedo convivendo com casos de racismo.

Então, a crítica da cantora, apesar de muito sutil, retoma todos esses outros preconceitos que a mulher negra passa antes da mulher branca. São outras lutas e outras vivências, que mesmo que a apresentadora se coloque à disposição como uma confidente, jamais será capaz de compreender por completo a realidade da luta da mulher negra.

Apesar disso, IZA traz essa mesma crítica abordada nas sequências anteriores, por meio de um relato, lembrando a época em que alisava o cabelo durante a infância. Diferentemente de Grazi, a cantora não causa uma reação de surpresa/estranhamento em Tatá, pois é sabido e reconhecido os preconceitos que a mulher negra tem de lidar todos os dias ainda hoje. Porém, a partir dessa fala, é possível notar que atualmente IZA é uma mulher empoderada, segura de si e que prega a liberdade do que a mulher quer ser.

Assim, Tatá e IZA entram no outro núcleo de sentido presente: exaltação da liberdade feminina. Mais adiante nessa análise, apresentarei os discursos trazidos pelas duas enunciantoras que reforçam o outro núcleo de sentidos citado anteriormente.

Figura 9 – Deborah Secco



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021).

No mesmo caso da cantora IZA, a sequência com a atriz Deborah Secco apresenta dois núcleos de sentidos: novamente, crítica a pressão estética e a crítica sobre a ilusão do que é o período da gravidez. Nesse primeiro momento, abordo o primeiro caso, respectivamente.

Deborah: “Você sabe que nessa época, quando comecei a trabalhar assim, todo mundo falava que eu nunca ia ser atriz de fazer mulher bonita, que eu ia fazer a esquisita.” (Episódio 75)

Logo no início do programa, Deborah faz uma revelação após Tatá apresentar fotografias das duas enunciantoras ainda crianças, no começo de suas carreiras. A apresentadora faz comparações físicas e estéticas dizendo que era “horrorosa”. A atriz relembra que na época que a fotografia foi registrada, ela recebeu comentários falando que nunca faria papel de “mulher bonita”, que acabaria recebendo oportunidades de papéis de “esquisita”.

Portanto, é possível notar em seu discurso a crítica aos padrões estéticos impostos enquanto ela ainda era uma criança, mostrando o quão cruel é a pressão pela beleza padrão em jovens meninas. Também saliento que a fala de Deborah dá um sentido de “volta por cima”, pois hoje, já adulta, a atriz é considerada um corpo que se encaixa nos padrões estéticos da sociedade. Porém, essa postura da atriz só demonstra como ela cedeu às expectativas e performances esperadas de uma mulher socialmente. Pela perspectiva dos estudos feministas,

“dar a volta por cima”, deixar de ser a “esquisita” para a bonita com beleza padrão, só ressalta o quanto as mulheres ainda sentem a necessidade de corresponder a um molde “desejado”, mesmo que inconscientemente, já que vivemos sob uma ideologia a partir da visão do homem.

Em outro momento do *talk show*, Tatá traz a problemática, de forma mais explícita, da pressão estética que as mulheres sofrem na sociedade.

“Sim, e teoricamente você seria esse padrão, porque você é linda...”

Num tom de seriedade, todos presentes no estúdio estão em silêncio, reforçando o tom sério que o momento requer, Deborah revela que vivenciou muito desse preconceito, mesmo sendo considerada atualmente uma “mulher padrão”.

Tatá: “E tem uma coisa muito louca, eu por exemplo já me peguei fazendo isso pensando **‘tô muito acima do peso’** e eu falava **‘não, mas isso é pra cinema’** e não é, só **tô acima do peso, mas sabe quando você quer justificar?** A gente fica o tempo todo tentando nos justificar, porque as pessoas querem colocar a gente dentro de um padrão.”

A crítica desse núcleo é clara: ambas revelam que sofreram e sofrem, principalmente no período da gravidez, da pressão dos padrões de beleza. Duas mulheres jovens que, desde a infância, foram submetidas a se enquadrarem em categorias previamente impostas pela sociedade machista e patriarcal, de modo que somente assim conseguiriam sucesso em suas carreiras.

Deborah: “Ah, mas eu sofro também, **tomei remédio para emagrecer a vida inteira.** Hoje, eu fico tentando lidar com isso de uma forma mais saudável.”

Essa “ditadura do corpo perfeito” é tão cruel a ponto que Deborah revelou ter tomado por muito tempo remédio para emagrecer somente para se encaixar nesses padrões.

O núcleo é reforçado pelo momento que a apresentadora estava passando no período de gravação do programa: a gravidez. Como veremos logo adiante em outro núcleo de sentido, Tatá aborda as ilusões criadas pela sociedade sobre o corpo da mulher grávida e como essa ilusão gera culpa sobre as mulheres, porém as duas trocam falas que justificam também a pressão estética sofrida nesse período.

“Esse padrão, que é inexistente, ele gera culpa, ele gera angústia, ele gera transtorno. Na gravidez que eu, por exemplo, tô grávida, eu tô inchada, mas eu engordei mesmo, as pessoas quase dão uma licença poética de tipo ‘não, mas ela tá grávida’, como se só porque eu tô grávida eu posso engordar.”

A sociedade “aceita” um corpo gordo quando se trata de uma mulher grávida, como a própria Tatá fala: “é quase que uma licença poética a mulher engordar durante a gravidez”, mas uma mulher que engorda por somente engordar não é aceito e é rejeitado, sofrendo assim gordofobia.

Ambas estão em concordância com seus discursos, é uma sequência que a apresentadora e a atriz encontram pontos de igualdade pela vivência de cada uma. Possuem mesmos ideais ideológicos e pensamentos, portanto uma acrescenta à fala da outra com relatos pessoais, reforçando a ideia trazida para o diálogo.

Esse movimento da representação da mulher na mídia e de denúncia marca a onda feminista que está vigente até os dias de hoje. Franchini (2017) explica que o surgimento da internet e das redes sociais foi o que impulsionou esse movimento atual, onde mulheres se sentiram mais à vontade para expor abusos e histórias pessoais. E é isso que o episódio traz: duas mulheres expondo, uma para outra (mas, ao mesmo tempo, para o Brasil inteiro), suas dores, sofrimentos, angústias por conta dessas “regras” impostas pela sociedade.

NÚCLEO DE SENTIDO 2: SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO

Figura 10 – Roberta Miranda



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021).

Única sequência selecionada que apresenta o núcleo de sentido sobre sexualidade e identidade de gênero nessa análise. A cantora sertaneja Roberta Miranda contrasta das outras convidadas previamente observadas nessa pesquisa, por ser a única artista a falar abertamente sobre sexualidade, ainda de maneira descontraída e divertida.

Tatá: “Você uma vez respondeu dizendo que **‘quem come de tudo, não passa fome’** essa coisa maravilhosa, da igreja, que você falou para gente. O que você quis dizer com isso, Roberta?” (Episódio 57)

Nesse trecho do programa, Tatá inicia seu discurso sobre sexualidade resgatando um discurso antigo da cantora, em que ela disse de forma debochada: “Quem come de tudo, não passa fome”, contornando: “Essa coisa da Igreja que você disse pra gente”, fazendo uma referência que não é algo que a religião católica aprovaria. De forma mais indireta, trata-se de uma expressão de duplo sentido, referindo-se ao fato de que Roberta Miranda se relaciona com pessoas de diferentes gêneros.

Enquanto as outras sequências anteriormente analisadas tratava de momentos de seriedade do programa, com Roberta Miranda acontece o oposto: ambas enunciadoras levam todo o momento em divertimento e descontração ao abordarem tais assuntos.

Roberta: “As pessoas perguntam tudo **‘Roberta, você é hétero? Roberta, você é homo? Roberta, você é bi?’** Eu digo que sou além de tudo isso, isso é muito pequeno pra Roberta. **A Roberta é ‘trisssexual’**, a Roberta é acima de qualquer coisa.”

É importante ressaltar aqui que Roberta Miranda se identifica socialmente como uma mulher, veste-se de acordo com o que foi imposto como vestimentas femininas, assumindo, então, o gênero feminino. Contudo, nessa sequência, a cantora reclama de como as pessoas insistem em rotular a sua sexualidade, a questionando se ela é heterossexual, homossexual ou bissexual, se autodeclarando como “trisssexual”. Roberta não quer assumir um rótulo ou se identificar com uma sigla da bandeira LGBTQIA+. Ela sentiu a necessidade de inventar uma palavra do que assumir uma já existente.

Não fica claro se a preferência pelo termo imaginário é por alguma insegurança ou receio, mas ela justifica que “Roberta é acima de qualquer coisa”, dando a entender que ela não necessita possuir rótulos sobre sua sexualidade. Apesar das duas enunciadoras manterem um período de seriedade nesse trecho da entrevista, logo Tatá faz piadas com as declarações de Roberta, trazendo de volta a essência do programa que é o humor.

Roberta: “Eu nunca contei isso para ninguém no mundo, nunca contei para nenhuma televisão, para ninguém, **eu já namorei um travesti**, em São Miguel Paulista. Eu era muito novinha, daí chegava **Luz Del Fuego que se chamava**, brincava com a cobra enorme. Tinha show em São Miguel Paulista, **eu era muito novinha e chegava aquela mulher linda na porta da minha casa** e a minha mãe foi sempre muito diferenciada, e dizia ‘Minha filha, por que essa mulher é tão apaixonada por você? Traz presente para você?’ e eu dizia ‘Ah mãe, eu não sei, é a minha colega’. **Eu nunca disse que era, mas então já namorei uma travesti.**”

Logo após esse seu discurso, a cantora faz uma revelação a Tatá, afirmando que nunca foi contada antes na televisão ou para alguém: Roberta Miranda já namorou uma travesti. No momento da fala, ela até utiliza o termo errado para designar ao gênero, usando a palavra “um travesti”, mas no decorrer da sequência, corrige e passa a utilizar “uma”. O discurso é seguido por uma série de aplausos da plateia e de até mesmo Tatá, que a chama de “maravilhosa”.

Essa questão é relevante para essa análise, pois esse discurso reforça o estigma de que o relacionamento com uma mulher trans é digno de aplausos e de reconhecimento de “coragem” e “bravura” pela sociedade. O relacionamento com uma pessoa trans ou travesti é carregado de muito preconceito no Brasil, por se tratar de uma comunidade que é líder em

números de mortos mundialmente, de acordo com o *Trans Murder Monitoring* de 2021¹⁶, em que muitas recorrem à prostituição para poderem se manter.

Butler (2019), como visto no Referencial Teórico deste trabalho, explica que a luta feminista, apesar de ter conquistado os direitos para as mulheres, também é um elemento que reforça opressões, acaba reproduzindo de forma descuidada as formas binárias das categorias homem e mulher, excluindo outras identidades de gênero. O que é o caso aqui, pois ao mesmo tempo em que Tatá e Roberta conversam abertamente sobre sexualidade e se considerarem feministas, ambas reforçam os estigmas que uma pessoa travesti passa na sociedade.

Portanto, a fala de Roberta e a reação da apresentadora e da plateia reiteram essa ideia de que é um ato muito corajoso vir a público e assumir um relacionamento com uma pessoa trans, sendo, no caso da cantora, algo que aconteceu na época da sua juventude e mantido em segredo até então. Esse tipo de discurso só salienta como vivemos sob a ideologia heteronormativa, em que outras orientações sexuais são excluídas e invisibilizadas.

Figura 11 – Ana Maria Braga



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021).

No episódio com Ana Maria Braga, Tatá Werneck relembra a vida da apresentadora do “Mais Você”, desde a época da infância até os dias atuais.

¹⁶ VEIGA, Edison. O que faz do Brasil líder em violência contra pessoas trans? In: **Deutsche Welle Brasil**. 1 jul. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-que-faz-o-brasil-ser-1%C3%ADder-em-viol%C3%A4ncia-contra-pessoas-trans/a-58122500>. Acesso em: 15 de nov. 2021.

Ana Maria Braga: “Antigamente, por exemplo, era brega cozinhar, antigamente você falar em morar fora de casa era uma exceção, antigamente falar em defesa e direitos da mulher era outra coisa, uma coisa que parecia meio velado, que **as pessoas tinham vergonha de sair em defesa de grupos de minoria, gay nem pensar, LGBTQ...**” (Episódio 74)

Nessa sequência, Ana traz a sua vivência de uma época de muito conservadorismo no Brasil, principalmente na época da Ditadura Militar, como uma crítica aos padrões de vida desse período.

Mulheres e homens gays sempre foram estigmatizados como indivíduos que deveriam se dedicar ao lar e “tornar-se homem de verdade” (esses eram considerados “afeminados”). Bem como Ana Maria Braga disse, antigamente não discutia-se sobre os direitos desses dois grupos, o único que importava era o homem heterossexual, por conta dessa ideologia da heteronormatividade que, por mais que ainda vivamos sob esse pensamento, já é possível enxergarmos por outras perspectivas.

No século passado, assumir uma sexualidade publicamente era algo muito arriscado, pois a heteronormatividade era muito mais imposta como regra do que nos dias de hoje e não havia essa liberdade e discussões sobre a comunidade. Foi somente na década de 1990 que a minoria LGBTQIA+ começou a ver mudanças, com Judith Butler e a sua teoria *queer* e sobre performance de gênero, como visto na seção Gênero e Performance, no capítulo sobre Feminismo. Dessa forma, a sociedade machista e patriarcal em que nos inserimos espera que homens sejam altos, fortes, com pelos faciais e que sejam “frios”, sem emoções; enquanto mulheres devem ser frágeis, mães, usam salto alto e maquiagem e que são domésticas. Conforme citado no capítulo, isso são os “atos” que Butler teoriza, ações sociais que exigem uma performance repetitiva.

NÚCLEO DE SENTIDO 3: VALORIZAÇÃO DA AUTOESTIMA E SEGURANÇA DA MULHER

Figura 12 – Susana Vieira



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021).

Tatá: “Susana você tem uma autoestima que eu acho invejável e maravilhosa, **porque normalmente as mulheres, mesmo as mulheres que são bem-sucedidas e que têm tudo na vida, nem por isso são mulheres seguras. E você é uma mulher muito segura. Você acha que isso vem de onde?**” (Episódio, 61)

Nessa sequência, é possível notar a contraposição com o núcleo visto logo no início dessa análise, em que a temática da autoestima e segurança da atriz é questionada pela apresentadora Tatá Werneck.

A conversa inicia pois é conhecido o fato de que a atriz é uma mulher confiante e que costuma expor na mídia o quanto ela está feliz, bem cuidada, namorando homens mais jovens... Portanto, a partir desse conhecimento prévio (provavelmente pesquisado pela produção do programa, os Co-Enunciadores), Tatá traz o questionamento de onde que vem essa segurança.

Enquanto com as outras convidadas – em que o núcleo se tratava de baixa autoestima e inseguranças –, com Susana, Tatá questiona de onde que vem essa autoestima de uma

mulher bem-sucedida – a atriz completou, em 2021, 60 anos de carreira¹⁷, ressaltando que considera essa atitude “invejável”, ou seja, exaltando esse poder e vontade.

Susana: “Eu não sei como é ter 76 anos. Eu não gosto de falar a minha idade porque depois eu não arrumo homem. Como eu gosto de homem mais novo, eles ficam assim ‘aí, vou pegar uma velha’, mas eu não sou. **Deixa eu te explicar, estão enganados, porque eu faço musculação, eu faço esteira, eu tenho um corpo muito do bem feito por baixo dessas roupas.**”

A sociedade enxerga a mulher mais velha como algo “já ultrapassado”, como se tivesse um prazo de validade no quesito estético, já que ao longo dos anos vão aparecendo rugas e marcas de expressão. É o tal do preconceito chamado Ageísmo ou Etarismo, e, segundo um relatório¹⁸ da Organização Mundial da Saúde (OMS) publicado em março desse ano sobre o tema, está associado a um quadro de saúde física e mental de pior qualidade, declínio cognitivo e menor expectativa de vida.

O movimento feminista visa que todas as mulheres sejam livres para fazer o que quiserem e para ser o que desejarem ser, mas mulheres mais velhas acabam sofrendo esse tipo de preconceito até dentro da luta. Importante ressaltar aqui o termo Interseccionalidade, visto no capítulo do Referencial Teórico, desenvolvido pela teórica feminista Kimberlé Crenshaw, para relatar essa exclusão que mulheres, sejam brancas ou negras, sofrem além do seu gênero.

Susana: “**Teu pai e a tua mãe é quem te dão a primeira base de vida** e de você continuar a vida, pelo resto da vida. Porque não é só ser amada, é você ter certeza do que quer fazer, de trabalhar, é você se sustentar, entendeu?”

Portanto, a fala de Susana em valorizar que a sua autoestima vem da educação de casa, com pai e com mãe, e que não precisa da validação de outras pessoas, é extremamente importante, pois a afasta desse estigma da mulher madura.

¹⁷ Susana Vieira volta aos palcos e celebra 60 anos de carreira. **EBC**, 29 set. 2021. Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/arte-clube/2021/09/susana-vieira-volta-aos-palcos-e-celebra-60-anos-de-carreira#:~:text=Susana%20Vieira%20volta%20aos%20palcos,anos%20de%20carreira%20%7C%20EBC%20R%C3%A1dios>. Acesso em: 13 de nov. 2021

¹⁸ TAVARES, Mariza. Preconceito contra os idosos limita a inovação e a expansão econômica. In: **G1**, Rio de Janeiro, 17 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/blog/longevidade-modo-de-usar/post/2021/10/17/preconceito-contra-os-idosos-limita-a-inovacao-e-a-expansao-economica.ghtml>. Acesso em: 13 de nov. 2021

Em concordância, as duas enunciadoras afirmam que a segurança da mulher vai além do se sentir amada pelo outro, mas consigo mesma, vai em buscar autorrealizações por sentir que merece.

Tatá: “É sentir que merece. Porque as mulheres normalmente você fala ‘nossa que lindo’ e já fala ‘nossa, foi R\$7,50, quer emprestado?’. **A mulher tá sempre se desculhando por estar recebendo um elogio. Eu acho legal alguém falar ‘parabéns você é linda’ e você responder ‘é sou mesmo’.**”

Apesar do foco ser a exaltação da autoestima, a sequência também faz uma sutil crítica de que a mulher precisa se justificar e desculpar por tudo, até mesmo por uma vestimenta barata (exemplo citado pela apresentadora). A sociedade machista e patriarcal acredita que a mulher está a serviço dela, que tem a obrigação de agradar a todo momento, por esse ser quem dita as “regras”, resultando em mulheres inseguras e infelizes com o próprio corpo e mente.

Contudo, o diálogo entre Susana e Tatá sobre essa problemática trata-se de um gancho para um quadro humorístico: “Chama-se Autoestima, meu amor!”. No momento, Susana, por ser essa figura reconhecida de empoderamento feminino, dá dicas de como responder críticas de forma debochada.

Figura 13 – IZA



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021).

Como citado anteriormente, a cantora IZA também se encontra no núcleo da valorização a autoestima da mulher. Aliado com o núcleo da crítica da pressão estética, a cantora inicia seu discurso lembrando da liberdade que ela se permitiu ter depois da “cobrança” que a sociedade impôs a ela durante a infância.

IZA: “Eu comecei a tentar entender aquilo que eu não gostava em mim, porque nunca gostei ou não gostava de mim porque os coleguinhas diziam que era feio. Me libertei disso e então eu comecei a me olhar com muito mais carinho e eu vi que tá tudo certo ter meu corpo, tá tudo certo ser grande, do jeito que eu sou.” (Episódio 64)

Nessa sequência, é nítida a sensação de liberdade que IZA encontrou após começar a vestir o que gosta, usar o cabelo da maneira que preferir, quase como se fosse num tom de “alívio” ela poder ter se libertado daqueles padrões. É perceptível o quanto ela está desprendida do que as outras pessoas pensam e esperam dela.

Tatá: “Quando foi que tu falou ‘sou um mulherão da porra e humilho todas vocês’ e você sai com essa segurança ‘sou muito melhor’ e sai por aí?”

Mesmo que de forma debochada, Tatá questiona a cantora quando que ela se permitiu se desvencilhar desses costumes e assumiu ser “um mulherão da porra e humilho todas vocês. Sou muito melhor”.

IZA: “Acho que nunca me senti ‘putz, sou melhor que todo mundo’, mas eu comecei a me olhar no espelho com mais carinho, me amei, sabe?”

A cantora compreende que a afirmação da apresentadora trata justamente como foi esse processo de liberdade, autoestima e segurança, mas a maneira imposta a partir dessas palavras coloca IZA num lugar acima de todas as mulheres, o que não é o que ela propõe ou idealiza.

Se ela se sentisse assim, estaria corroborando com o conceito de rivalidade feminina, em que mulheres devem estar sempre uma contra as outras pelos motivos mais fúteis, como se pudesse haver somente uma, quando, na verdade, as mulheres devem unir suas forças.

Os estudos feministas vão, justamente, contra isso. O movimento feminista visa a união das mulheres, igualdade de gênero e liberdade do corpo feminino desde pelo menos

1832, com Nísia Floresta sendo a primeira figura feminista brasileira, conforme citado por Duarte (2020). E ambas enunciatórias se autodeclararam feministas, portanto, acreditam na causa e nos objetivos da luta.

O objetivo de Tatá nesse discurso era a piada, pois essa é a essência de seu *talk show*, afinal, estamos falando de um programa humorístico. Porém, algumas das mensagens da apresentadora acabam reforçando estereótipos e estigmas machistas, como foi nesse caso. Claro que a apresentadora não corrobora de fato com esses preconceitos, mas por vivermos em uma postura ideológica heteronormativa, ela nem percebeu a problemática por trás do seu discurso, foi somente com a resposta de IZA que ela reconheceu o erro.

NÚCLEO DE SENTIDOS 4: EXALTAÇÃO PELA IGUALDADE DE GÊNERO:

Figura 14 – Maiara e Maraisa



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021).

Nesse episódio, Tatá recebeu no Lady Night a dupla sertaneja Maiara e Maraisa.

Tatá: “Antigamente, as duplas sertanejas masculinas faziam mais sucesso do que as femininas e hoje mudou totalmente, graças a Deus. Vocês têm uma potência, uma força muito grande” (Episódio 65)

Durante a conversa, as irmãs gêmeas e a apresentadora debatem sobre a importância de haver um mercado sertanejo igualitário entre homens e mulheres.

Por ser um espaço predominantemente masculino, o estilo musical sertanejo sempre foi um gênero que atribuiu o sucesso de muitos cantores e duplas, tais como: Luan Santana, Zezé Di Camargo e Luciano, Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo, Gustavo Lima, Jorge e Mateus. Apesar de citarem as Irmãs Galvão como precursoras da presença feminina no sertanejo com mais de 74 anos de carreira, a dupla anunciou a separação em 2021¹⁹.

Maiara: “As mulheres têm potencial tanto quanto os homens, não querendo levantar nenhuma bandeira não, mas ‘poderosa’! O grande lance da nossa carreira mesmo é esse, a gente trazer novas mulheres. A gente grava com outros artistas, outras artistas, principalmente as mulheres.”

A dupla, ao abordar o seu desejo em abrir caminhos para futuras mulheres sertanejas, levanta do sofá onde está e diz: “Não querendo levantar nenhuma bandeira, mas poderosas!” e fingem como se estivessem hasteando uma bandeira, exaltando a luta pela igualdade de gêneros. Ressalto que no discurso das irmãs é completamente nítido a ideologia feminista, principalmente quando elas afirmam querer trazer mais mulheres para o mercado do estilo musical.

E numa questão mais imagética, quando uma das irmãs se levanta e finge hastear a bandeira feminista de fato, apesar de ter sido um movimento espontâneo, faz referência à pintura “Liberdade Guiando o Povo”, do francês Eugène Delacroix, símbolo da Revolução Francesa. Reforçando, assim, a ideia da dupla de guiar uma nova geração de mulheres na carreira do sertanejo.

¹⁹ Nos últimos anos, o mercado do sertanejo contou com grandes nomes femininos, como Marília Mendonça, que faleceu em 5 de novembro de 2021. O impacto da carreira da cantora no *feminejo* (junção da palavra “feminino” e “sertanejo” para denominar a presença das mulheres no gênero) se deu a partir do seu falecimento, quando 74 de suas músicas entraram no ranking Top 200 do Spotify Brasil, um dia após o acidente fatal. A cantora começou sua carreira em 2015 e foi responsável por abrir portas para a dupla Maiara e Maraisa no sertanejo.

Figura 15 – Maiara e Maraisa no momento que abordam a presença das mulheres nos sertanejo



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021).

Em outro momento do programa, a dupla aborda novamente a crítica sobre a questão de como a indústria musical é comandada pelos homens. Vivemos nessa ideologia na perspectiva do homem branco – e não somente no mercado do sertanejo é assim, mas na maioria das áreas o cargo de maior importância. De acordo com um estudo da BR Rating desse ano²⁰, apenas 3,5% das companhias brasileiras têm mulheres nos cargos de CEOs e 16% em cargos de diretoria.

²⁰ MEIRELLES, Alex. Apenas 3,5% de grandes empresas têm mulheres como CEO, aponta pesquisa. In: CNN Brasil. São Paulo, 27 jul. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/apenas-3-5-das-grandes-empresas-tem-mulheres-como-ceo-aponta-pesquisa/>. Acesso em: 13 de nov. 2021.

NÚCLEO DE SENTIDO 5: CRÍTICA AOS PADRÕES DE MATERNIDADE

Figura 16 – Taís Araújo



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021).

Na quarta temporada do programa, Tatá Werneck aborda a temática da maternidade com os convidados escolhidos para essa análise, já que ela gravou essa temporada durante a gravidez da sua filha, Clara Maria. Nesse episódio com a atriz Taís Araújo, os sentidos de culpa, angústia e tristeza foram encontrados no discurso das duas enunciantoras.

É possível notar que a apresentadora consegue fazer com que todos os seus convidados se sintam à vontade no *talk show*. Nessa sequência, por exemplo, Taís e Tatá vão às lágrimas quando tocam no assunto da maternidade e de como esse período foi muito doloroso emocionalmente para ambas.

Como foi visto na análise dos episódios posteriores, é nítida a questão de como a mulher é um ser invisibilizado pela sociedade machista, seja na questão estética, na luta pela igualdade ou na autoestima. Esse núcleo aborda a crítica sobre como a mulher grávida necessita cumprir outras expectativas além dessas citadas acima.

Tatá: “Ser mãe também... me sinto culpada também. Assim acho que ser mãe gera muita culpa mesmo, porque a gente não sabe como agir, a gente vai sempre errar de alguma maneira. Eu por exemplo, tô gravando, tô passando mal, eu saio daqui e vou fazer a

ultra que fico com medo de ter feito demais. Aí falaram ‘aí, por que você não abre mão de trabalhar?’ e eu não quero abrir mão de trabalhar, mas ao mesmo tempo não quero perder nada da minha filha. **Morro de medo de que tipo de mãe eu vou ser, se eu vou ser uma mãe boa o suficiente, se eu vou conseguir não gerar na minha filha traumas, sei lá, só quero facilitar a vida da minha filha.**” (Episódio 72)

A mulher grávida, além de carregar um filho no ventre, carrega diversos tipos de sentimento de culpa, como o caso de Taís, que sentia muita culpa por não conseguir amamentar a filha. Tatá, mesmo ainda gestante, assume que também está sentindo culpa por escolher ir trabalhar em vez de descansar e do tipo de mãe que ela será.

A sociedade cria uma expectativa de que o período da gravidez é um momento “mágico”, de que as mulheres ficam mais “deslumbrantes” quando estão grávidas, colocando muita pressão e expectativas irreais dos nove meses de gestação. A atriz e a apresentadora choram muito quando falam desses receios, estão “abrindo o coração” uma para a outra, expondo sentimentos que a sociedade não permite que mães abordem. Nesse momento, até a plateia participa da cena e reage a situação em um uníssonos: “Óin (Awn)”.

Taís: **“A gente vai errar, Tatá. Ao mesmo tempo da coisa de querer trabalhar, pô, eu até trabalhava antes de ter filho. Eu não me entendo muito como pessoa, como mulher, sem estar trabalhando. Eu acho que se eu não estiver trabalhando, vou ser uma mulher muito infeliz e, consequentemente, vou ser uma péssima mãe.”**

Essa expectativa sobre a maternidade gera angústia, impactando até a vida profissional das futuras mães. Tatá explica que resolveu gravar a temporada estando grávida pois queria que a filha visse o quanto ela é feliz fazendo o que gosta, o trabalho dela como apresentadora e humorista, e Taís afirma que ama trabalhar e que não se entenderia como mulher e nem como mãe se não estivesse atuando.

Tatá: **“Minha mãe me falou ‘filha, eu quero que você faça o que você gosta’ e quando minha filha me assistir ela vai saber ‘mamãe está fazendo o que gosta’ e isso não faz com que eu goste menos da minha filha. Sejamos as mães que conseguimos ser.”**

Mas, ao mesmo tempo, as mulheres carregam essa culpa de quererem fazer o que gostam, de voltarem aos seus trabalhos com medo de serem demitidas logo em seguida, sentem culpa por não poderem passar tanto tempo com seus filhos. Dessa forma, as duas

enunciadoras choram e compreendem os sentimentos da outra, pois passaram pela mesma situação.

Figura 17 – Deborah Secco



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021).

Tatá: “Esse padrão, que é inexistente, ele gera culpa, ele gera angústia, ele gera transtorno. Na gravidez que, eu por exemplo, tô grávida, eu tô inchada, mas eu engordei mesmo, as pessoas quase dão uma licença poética de tipo ‘não, mas ela tá grávida’, como se só porque eu tô grávida eu posso engordar.” (Episódio 75)

Na sequência com Deborah Secco, a atriz também revela a gravidez como “a pior fase” da vida dela. Essa pressão imposta sobre as mulheres grávidas de que se trata de um período “lindo” e “único”, na verdade acaba gerando muita culpa sobre as mães que estão passando por esse momento.

Tatá: “E essa mudança na sua vida... as pessoas têm mania de romantizar a gravidez, as pessoas se sentem plenas. Eu faço questão de dizer que tá sendo muito difícil pra mim, eu passo muito mal, fico muito irritada.”

Tatá utiliza a palavra “romantizar” e resume muito bem sobre essa expectativa imposta pela sociedade. A gravidez é um momento muito delicado na vida da mulher, pois pode

resultar em problemas de saúde, tanto para ela quanto para o bebê. Mesmo assim, para atender às expectativas da sociedade, a mulher deve estar “sempre sorrindo” e plena.

Deborah: “Sem dúvidas, **foi a pior fase da minha vida, fiquei muito depressiva**, eu não conseguia fazer nada, eu todos os dias chorava e pedia minha vida de volta. E **ainda bem que a gente hoje consegue falar sobre isso sem que nos matem de tanta culpa e nos julguem as piores mães do mundo.**”

Quando Deborah diz que “foi o pior momento” da sua vida e que desenvolveu depressão durante a gravidez, ela quebra por completo essa imagem irreal do que é a maternidade. Da mesma forma que Taís, ela também fala que “hoje consegue falar sobre isso sem que nos matem de tanta culpa e nos julguem as piores mães do mundo”, reafirmando a crítica da existência dessa “censura” sobre mães ao relatarem a gravidez.

Figura 18 – Isis Valverde



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021).

Tatá: “O que você passou quando você estava grávida?”
(Episódio 77)

Começando o diálogo, Tatá questiona a atriz Isis Valverde sobre como foi a experiência da gravidez para ela, reforçando o núcleo de sentidos da crítica sobre a ilusão do que é a gestação.

Isis: “Eu não passei mal assim, mas eu sentia muita dor, muitas dores assim bizarras, e chegou uma hora que eu falava ‘eu quero que nasça logo, eu quero que nasça pra ver ele logo, mas eu não quero mais passar por isso’ e **as pessoas ficam com raiva, te julgam, entendeu? Eu acho que isso é errado, cada mulher é singular e cada gravidez é singular. Então tem que ser respeitada.**”

Ao afirmar: “As pessoas ficam com raiva, te julgam”, trata-se de mais um exemplo de crítica para a pressão feita pela sociedade com a mulher grávida, sendo possível notar o quão comum é esse sentimento, já que trazemos, somente nessa análise, três grandes atrizes de muita visibilidade compartilhando as mesmas angústias sobre o período da gravidez.

Na sequência, Tatá e Isis se emocionam e choram ao falar do nascimento. Isis faz uma espécie de preparação para Tatá sobre o trabalho de parto, dizendo que é um momento muito empoderado. Enquanto as outras duas atrizes citadas nesse núcleo abordavam questões mais profundas sobre a gravidez, nesse trecho Isis traz o “aspecto positivo”, ressaltando que Tatá “vai se sentir a mulher mais poderosa do mundo, capaz de tudo”.

Tatá: “Sim, **eu sei que tem essa coisa mágica** e eu amo muito minha filha e isso não diz respeito ao quanto eu sinto por ela.”

A temática da maternidade é o foco da temporada do Lady Nigh. Tatá se coloca numa posição de “aluna”, recebendo convidadas que já passaram pela gestação e que compartilham seus relatos para apresentadora, que ainda é uma novata no assunto. Nos três momentos analisados, a emoção e as lágrimas participam da cena por parte das duas enunciadoras, dando sentido de ser um período de receio para Tatá, enquanto é um momento de empoderamento para Isis.

A sequência em questão é a única do programa em que Tatá protagoniza o *talk show* vestindo um top e uma calça, exibindo a barriga de grávida.

Figura 19 – Tatá Werneck exibindo a barriga da gravidez



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021).

NÚCLEO DE SENTIDO 6: O FEMINISMO E AS TRANSFORMAÇÕES DO PAPEL DA MULHER

Figura 20 – Ana Maria Braga



Fonte: Reprodução/Globoplay (2021).

Por fim, finalizo a análise dos núcleos de sentidos com o episódio da apresentadora Ana Maria Braga. Logo no início da sua participação no programa, é possível notar as diferentes fases do feminismo que a Ana Maria já vivenciou, quando afirma que o pai dela não queria que ela estudasse, mas sim que ficasse somente em casa aprimorando os seus dotes culinários para um futuro marido.

Ana Maria Braga: **“Meu pai não queria que eu fizesse faculdade, ele achava que lugar de mulher era em casa, isso faz uns bons tempos. Atualmente, não sei se tem algum pai que acha que lugar de mulher é em casa, mas ele queria que eu desse aula no primário, que eu já era formada, já era professora. Então chegou ali e acabou ‘pra que estudar mais?’ e vai se casar.”** (Episódio 74)

Como os estudos feministas afirmam, o principal objetivo das mulheres era conquistar o direito à educação, além do voto. Conforme abordado no capítulo sobre Feminismo e Gênero, Maria Lacerda de Moura iniciou sua luta feminista reafirmando a educação como fator indispensável na transformação de mulheres, com a publicação “Em torno da educação”, de 1918. Ela, juntamente com Bertha Lutz, ajudou a fundar a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

No *talk show*, Ana Maria Braga é a representação da transformação da mulher feminista na sociedade. A apresentadora é a convidada mais velha a passar pelo programa, portanto, exibe como a trajetória pelo seus direitos foi fundamental para que as outras mulheres chegassem onde estão hoje, como uma espécie de precursora. Tal afirmação é feita quando ela mesma diz: “Atualmente não sei se tem algum pai que acha que lugar de mulher é em casa”.

Ana Maria Braga: “Virgindade era um negócio absoluto na época, não era que nem hoje com 13 e 14 anos. Lá você tinha que casar virgem, na teoria, né.”

Assim, a sequência trata das diferentes fases vividas pela apresentadora, em épocas que não havia todas as liberdades que hoje foram conquistadas pelas mulheres. Ana Maria Braga nasceu no auge da segunda onda feminista, quando as mulheres recém haviam adquirido o direito ao voto, vivendo com costumes totalmente conservadores. Primeiro beijo e virgindade eram pautas que sequer eram debatidas na época com meninas.

Ana Maria Braga: “A partir dali eu disse ‘**não, não quero isso pra mim**’, eu saí de casa por conta disso e **ele nunca pagou meus estudos, eu fui pra vida.**”

Ana Maria Braga estava além de seu tempo, pois fugiu de casa para não ter que cumprir com as obrigações de ter que ficar em casa, sem estudar e à espera de um marido. A apresentadora pagou pelo próprio estudo sem necessitar da ajuda financeira do pai, isso era uma atitude totalmente inesperada para uma mulher nos padrões da época.

Tatá: “E você vê a mudança desse público que te segue há quase 40 anos? As mulheres que te assistem mudaram?”

De certa maneira, ela é o motivo pelo qual Tatá pode hoje estar apresentando o seu próprio programa de televisão. Ana Maria Braga representa o movimento feminista, como se fosse uma “anciã” para as mulheres de hoje. Por ter vivido tantas fases diferentes do feminismo e por se considerar uma, a apresentadora é muito mais do que aquilo que ela representa no “Mais Você”, é uma ativista pelos direitos iguais entre os gêneros e uma porta-voz pela liberdade das mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho de pesquisa pretendeu apresentar o problema de como que se dão as relações de gênero e feminismo no *talk show* Lady Night. A partir da definição do tema, tive como objetivo geral identificar sentidos sobre feminismo e gênero são construídos durante as entrevistas do *talk show* Lady Night, com Tatá Werneck. Trouxe para a pesquisa também os objetivos específicos de identificar os episódios em que as questões de gênero e o feminismo são objeto de debate no programa, compreender a promessa do programa a partir da sua estrutura, apontar os núcleos de sentidos relacionados às questões feministas e de gênero e, por fim, problematizar as construções destes sentidos sob a perspectiva dos estudos feministas e de gênero.

Prosseguindo, saliento que o trabalho foi baseado nos estudos feministas preconizados por autores como Djamila Ribeiro, Judith Butler, Constância Lima Duarte, Bruna Santiago Franchini e Heloísa Buarque de Hollanda e também nas leituras sobre gêneros televisivos e *talk show* de François Jost, Arlindo Machado, Patrick Charaudeau e Rodolphe Ghiglione.

Também é necessário dizer o quanto me senti atraída em investigar como se apresentaram os núcleos de sentido, onde questionamentos relacionados às noções de feminismo e gênero conseguiram ser abordados através das entrevistas produzidas, bem como seria crucial identificar os episódios em que essa temática assumiria total relevância.

Neste percurso, vi-me obrigada a entender de que forma ou sobre qual estratégia discursiva se sustentou a promessa do programa de ser mais um programa de jogos do que propriamente *talk show*, mas a apresentadora sabe conciliar as abordagens mais sérias com seus convidados com piadas no meio de suas falas.

Ao me aprofundar para explorar o meu corpus documental, sendo no total 10 episódios do programa Lady Night, subdividindo-os em problemáticas, consegui apontar e posteriormente descrever os núcleos de sentidos relacionados às questões feministas e de gênero, procurando assim problematizar de que forma se dá a construção e desenvolvimento deste discurso.

Este trabalho de conclusão de curso, ao final da análise, considera que o programa Lady Night, apesar de convocar uma série de questionamentos sobre feminismo e questões de gênero, é igualmente capaz de reforçar determinados estereótipos sobre tais temáticas, instaurando um sentido de dualidade no que se refere a essas questões.

E que em relação a isto, a proposta fundamental é a de que a produção de sentidos convocados pelo *talk show* Lady Night, em sua essência, recupera a ideia de que é possível

confirmar a existência de uma dualidade ideológica, na qual percebemos que a proposta inicialmente comprometida com uma quebra de paradigmas é, no minuto seguinte, facilmente corrompida pela manutenção de um discurso arraigado a crenças e valores heteronormativos.

A tempo, ainda é preciso salientar que, sendo Lady Night um produto midiático primeiramente ligado ao entretenimento na forma de humor, ele não se afasta ou negligência questões ligadas às minorias e às pautas sociais. O programa de 40 minutos dedica diversos momentos com o entrevistado para debaterem discursos de temáticas relevantes para a sociedade.

Dessa forma, ainda percebo que Tatá Werneck, através de seu *talk show*, em alguns momentos, recupera uma fala notadamente estereotipada, na qual uma série de valores nocivos e ultrapassados simplesmente emergem. Um exemplo é o episódio em que a cantora IZA participa, quando Tatá supõe que a cantora deve se achar “melhor do que as outras mulheres”, reforçando o estigma da rivalidade feminina.

Em contrapartida, compreendo que tal pensamento ou posição se deve ao fato dessa herança social por vivermos em uma sociedade cuja cultura ainda se apresenta machista, patriarcal e LGBTfóbica e que a apresentadora Tatá Werneck, mesmo ao protagonizar tal programa, não consegue fugir da heteronormatividade constante.

Com isto, quero dizer que através das diversas experiências vividas e surpreendentemente ou corajosamente expostas pelos convidados do programa, foi possível inscrever inúmeras mensagens de repúdio, denúncia, desencanto e até mesmo esperança sobre o “glamourizado” ou “des-glamourizado” cotidiano dos artistas convidados.

Concluindo, devo dizer que muito me surpreendi ao primeiramente compreender (através do emprego de pontual referencial teórico) o quanto questões ligadas a uma problemática de cunho social e de gênero poderiam ser resgatadas nas entrelinhas de uma infinidade de falas trazidas por tais personalidades.

Acredito que meu trabalho possa contribuir para a área da Comunicação e servir de base para artigos que pretendam abordar pautas sociais dentro dos gêneros televisivos, principalmente no quesito do *talk show* no Brasil. Como são temáticas que estão sempre em desenvolvimento com surgimento de novas autoras e novas vertentes, este se torna um debate muito necessário para serem abordados em diversas áreas, elaborados por autores que visam novas soluções para tais problemáticas dentro de seus campos.

Meu trabalho pode servir de referência para quem visa estudar sobre a relação entre feminismo e televisão. Por ser um programa que ainda está no ar (a 5ª temporada foi exibida em 2020) e sem previsão para um encerramento, possibilitando então o desenvolvimento e

mudanças na produção, meu TCC abre caminhos na área por apresentar esses assuntos a partir de uma análise das temporadas iniciais, além de resgatar o histórico da apresentadora para a compreensão do objeto.

REFERÊNCIAS

BENETTI, Marcia. **Pesquisa em Comunicação: Metodologias e Práticas Acadêmicas**. Porto Alegre, 2016.

Brasil tem 152 milhões de pessoas com acesso à internet. **Agência Brasil**, 23 ago. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-08/brasil-tem-152-milhoes-de-pessoas-com-acesso-internet>. Acesso em: 20 dez. 2021

Brasil tem 424 milhões de dispositivos digitais em uso, revela a 31ª Pesquisa Anual do FGVcia. **Portal FGV**, 08 jun, 2020. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/brasil-tem-424-milhoes-dispositivos-digitais-uso-revela-31a-pesquisa-anual-fgvcia>. Acesso em: 20 dez. 2021

BUTLER, Judith. **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**. 5. ed. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2019.

CASETTI, Francesco; ODIN, Roger. *De la paléo- à la néo-télévision: Approche sémiopragmatique*. In: **Communications**, 51, 1990. p. 9-26.

CHARAUDEAU, Patrick; GHIGLIONE, Rodolphe. **A Palavra Confiscada: Um Gênero Televisivo: O Talk Show**. Lisboa: Piaget, 1997.

Cria da MTV, Tatá Werneck ganha reconhecimento ao estreiar na Globo. **TERRA**. Diversão, Tv. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/cria-da-mtv-tata-werneck-ganha-reconhecimento-ao-estrear-na-globo,6d4db4a388e2f310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>. Acesso em: 15 jun. 2021.

DUARTE, Constância Lima. **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2019.

VEIGA, Edison. O que faz do Brasil líder em violência contra pessoas trans? In: **Deutsche Welle Brasil**. 1 jul. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-que-faz-o-brasil-ser-l%C3%ADder-em-viol%C3%AAncia-contra-pessoas-trans/a-58122500>. Acesso em: 15 nov. 2021.

ESTADO, Agência. Multishow lança rádio via web e inaugura portal. A Tarde UOL, 2006. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/cultura/noticias/1095484-multishow-lanca-radio-via-web-e-inaugura-portal>. Acesso em: 10 mai. 2021.

FLORESTA PRODUÇÕES PARA TELEVISÃO. **FLORESTA**, 2021. Conteúdo de programas televisivos. Disponível em: https://florestaprod.com.br/list_producoes/lady-night/. Acesso em 23 jun. 2021.

FRANCHINI, B. S. **O que são as ondas do feminismo?** in: Revista QG Feminista. 2017. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismoeed092dae3a>. Acesso em: 20 set. 2021.

FUTURA, Canal. #EuVocêTodasNós. **YouTube**, 19 jul. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Re_wL4kP41I . Acesso em: 27 set. 2021.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores: Como as cores afetam a emoção e a razão**. 1. ed. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2012.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

IOP, Bibiana Rigão; SILVA, Mariana Olhaberriet; BADKE, Carlos Alberto. Um breve panorama da imprensa feminina no Brasil. **Intercom**, Porto Alegre, 20 de jun, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0483-1.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2021

JOST, François. **Compreender a Televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão Levada a Sério**. 3. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2003.

MEIRELLES, Alex. Apenas 3,5% de grandes empresas têm mulheres como CEO, aponta pesquisa. In: **CNN Brasil**. São Paulo, 27 jul. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/apenas-3-5-das-grandes-empresas-tem-mulheres-como-ceo-aponta-pesquisa/>. Acesso em: 13 nov. 2021.

ANDRADE, Naiara. No 'Lady night', Tatá Werneck põe famosos em situações inusitadas: 'Criei coragem para perguntar o que ninguém pergunta'. In: **Extra**, 09 abr. 2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/no-lady-night-tata-werneck-poe-famosos-em-situacoes-inusitadas-criei-coragem-para-perguntar-que-ninguem-pergunta-21169235.html>. Acesso em: 1 nov. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Quem Tem Medo do Feminismo Negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala – Feminismos Plurais**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

SCOLARI, Carlos. Hacia la hipertelevisión. Los primeros sintomas de una nueva configuración del dispositivo televisivo. **Diálogos de la Comunicación**, Barcelona, 2008. Disponível em: <https://repositori.upf.edu/handle/10230/25464>. Acesso em: 10 mai. 2021.

SILVA, Fernanda Maurício. *Talk show: um gênero televisivo entre o jornalismo e o entretenimento*. **E-Compós**, Brasília, 1 de jan, 2009. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/289/315>. Acesso em: 31 mai. 2021.

Susana Vieira volta aos palcos e celebra 60 anos de carreira. **EBC**, 29 set. 2021. Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/arte-clube/2021/09/susana-vieira-volta-aos-palcos-e-celebra-60-anos-de-carreira#:~:text=Susana%20Vieira%20volta%20aos%20palcos,anos%20de%20carreira%20%7C%20EBC%20R%C3%A1dios>. Acesso em: 13 nov. 2021

TANCREDI, Thamires. Parabéns, Tatá Werneck! 7 frases da atriz que provam por que ela é gente como a gente. In: **GaúchaZH**, 11 ago. 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/colunistas/thamires-tancredi/noticia/2015/08/parabens-tata-werneck-7-frases-da-atriz-que-provam-por-que-ela-e-gente-como-a-gente-cjplfz1d90192mncnt888mcjq.html>. Acesso em: 17 nov 2021.

Tatá Werneck estreia programa na TV Globo em janeiro. **Estadão**, 05 jan. 2019. Emais. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,tata-werneck-estreia-programa-na-tv-globo-em-janeiro,70002668308>. Acesso em: 15 jun. 2021.

Tatá Werneck fala sobre padrões de beleza, machismo e humor. **Claudia**, 30 set. 2017. Famosos. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/famosos/tata-werneck-fala-sobre-padroes-de-beleza-machismo-e-humor/>. Acesso em: 29 set. 2021.

TAVARES, Mariza. Preconceito contra os idosos limita a inovação e a expansão econômica. In: **G1**, Rio de Janeiro, 17 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/blog/longevidade-modo-de-usar/post/2021/10/17/preconceito-contra-os-idosos-limita-a-inovacao-e-a-expansao-economica.ghtml>. Acesso em: 13 nov. 2021.

TV por assinatura em domicílios recua para 30,4% em 2019. **Agência Brasil**, 14 abril 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-04/domicilios-com-tv-por-assinatura-recuam-para-304-em-2019>. Acesso em: 20 dez. 2021

APÊNDICE A – DECUPAGEM EPISÓDIOS LADY NIGHT

- **Terceira Temporada:**

Episódio 51 – Grazi Massafera (09min55seg)

Grazi: “Mas eu acho que aceitava isso, eu me achava burra. Bial foi uma pessoa extremamente importante para me ajudar a gerar uma autoestima desse lugar. Quando sai do BBB, o discurso que ele teve, eu acreditava nisso. Ele falou muito sobre antes do preconceito com homossexual, o discurso foi entre eu e o Jean na época, antes do preconceito com o homossexual, existe o preconceito com a mulher loira, se ela é miss, se ela isso e aquilo, e aí eu fui ouvindo e sentia em mim uma força interior tão importante pra tudo que veio depois que eu agradeço o Bial.”

Tatá: “Se tu não fosses uma mulher muito inteligente, você jamais estaria onde você tá, porque a beleza não sustenta nada.”

Episódio 53 – Eliana (02min43seg)

Eliana: “Depois da maternidade realmente me senti mais feminina, mais feliz, mais segura e faltava isso na minha vida. Acho que de fato eu nasci, além do meu ofício que eu amo, eu nasci para ser mãe. É prazeroso no final das contas, quando você vê no final do dia que você está exausta, mas teus filhos estão ali sorrindo e com saúde, valeu a pena toda a correria. Sim, ainda amamento a Manuela.”

(31min37seg)

Eliana: “Eu acho que a mulher precisa se conhecer real, a gente precisa se tocar e não precisa ter vergonha disso não”

(35min35seg)

Tatá: “Você é uma mulher muito bonita e eu acho que as mulheres que são muito bonitas, são muito desejadas. Tu achas que ainda tem essa coisa de terem que mostrar que também são muito talentosas? Porque você é muito talentosa, você domina o teu programa como ninguém e você faz teu programa muito bem. Você acha que ainda tem esse espaço para o preconceito em relação a mulher que antes era tido como objeto?”

Eliana: “Na real, eu acho que nós mulheres temos um papel muito importante de reeducar principalmente nossos filhos, para que eles valorizem mais a mulher de uma maneira geral, e

a mulher tem que valorizar a outra mulher. Acho que isso é um papel nosso de levantar, nos unir e de levantar a outra mulher. Acho que é fundamental isso.”

Tatá: “Isso é um movimento que está acontecendo agora, porque tinha uma tradição das mulheres competirem com as mulheres. Acho que agora a gente também tá se reeducando, a gente também tá aprendendo a nos apoiarmos umas as outras. Essa palavra sororidade, que a minha dicção não permite falar, é muito importante porque uma vai conquistando uma coisa e abre espaço pra outra, acho isso muito legal.”

Episódio 57 – Elba Ramalho e Roberta Miranda (33min13seg)

Tatá: “Você fazia muito sucesso, na Angola fizeram uma greve das mulheres pra receberem teu show lá.”

Roberta: “Achei isso maravilhoso. As mulheres inteligentíssimas. Elas falaram para os maridos ‘cara você arruma o ingresso da Roberta Miranda senão vou fazer greve de sexo’ e fizeram greve de sexo.”

Tatá: “Você uma vez respondeu dizendo que ‘quem come de tudo, não passa fome’ essa coisa maravilhosa, da igreja, que você falou para gente. O que você quis dizer com isso, Roberta?”

Roberta: “As pessoas perguntam tudo ‘Roberta, você é hétero? Roberta, você é homo? Roberta, você é bi?’ Eu digo que sou além de tudo isso, isso é muito pequeno pra Roberta, a Roberta é ‘trisssexual’, a Roberta é acima de qualquer coisa. Eu nunca contei isso para ninguém no mundo, nunca contei para nenhuma televisão, para ninguém, eu já namorei um travesti, em São Miguel Paulista. Eu era muito novinha, daí chegava Luz Del Fuego que se chamava, brincava com a cobra enorme. Tinha show em São Miguel Paulista, eu era muito novinha e chegava aquela mulher linda na porta da minha casa e a minha mãe foi sempre muito diferenciada e dizia ‘minha filha, por que essa mulher é tão apaixonada por você? Traz presente para você?’ e eu dizia ‘ah mãe eu não sei, é a minha colega’. Eu nunca disse que era, mas então já namorei uma travesti.”

Tatá: “E durou quanto tempo? Foi uma relação estável?”

Roberta: “Olha não durou muito porque ela queria de qualquer jeito colocar a cobra pra dormir entre nós duas e eu tinha muito medo disso.”

Episódio 61 – Susana Vieira (25min41seg)

Tatá: “Susana você tem uma autoestima que eu acho invejável e maravilhosa, porque normalmente as mulheres, mesmo as mulheres que são bem-sucedidas e que tem tudo

na vida, nem por isso são mulheres seguras. E você é uma mulher muito segura. Você acha que isso vem de onde?”

Susana: “Acho que isso vem da educação de pai e de mãe.”

Tatá: “Também acho que é isso, de você se sentir amado.”

Susana: “Teu pai e a tua mãe é quem te dão a primeira base de vida e de você continuar a vida pelo resto da vida. Porque não é só ser amada, é você ter certeza do que quer fazer, de trabalhar, é você se sustentar, entendeu?”

Tatá: “É sentir que merece. Porque as mulheres normalmente você fala ‘nossa que lindo’ e já fala ‘nossa, foi R\$7,50 quer emprestado?’. A mulher tá sempre se desculpendo por estar recebendo um elogio. Eu acho legal alguém falar ‘parabéns você é linda’ e você responder ‘é sou mesmo’.”

Episódio 64 – IZA e AnaVitória (11min38seg)

Tatá: “Quando foi que tu falou ‘sou um mulherão da porra e humilho todas vocês’ e você sai com essa segurança ‘sou muito melhor’ e sai por aí?”

IZA: “Acho que nunca me senti ‘putz, sou melhor que todo mundo’, mas eu comecei a me olhar no espelho com mais carinho, me amei sabe? Eu comecei a tentar entender aquilo que eu não gostava em mim, porque nunca gostei ou não gostava de mim porque os coleguinhas diziam que era feio. Me libertei disso e então eu comecei a me olhar com muito mais carinho e eu vi que tá tudo certo ter meu corpo, tá tudo certo ser grande, do jeito que eu sou.”

Tatá: “Antigamente, uma mulher, por exemplo, que tinha o cabelo cacheado e lindo ou vinham com um penteado afro, ela era barrada de entrar numa empresa, ela era barrada de fazer uma série de coisa e não por uma decisão dela, mas porque impunham para ela. Você já passou por isso?”

IZA: “Super! Eu alisei meu cabelo praticamente minha infância inteira. Eu comecei a alisar meu cabelo com 12 anos de idade, ninguém falava sobre cabelo crespo, era cabelo ruim. E é muito importante falar ‘tudo bem também se você quiser alisar’, também rola essa história hoje da ‘ditadura do crespo’ que se teu cabelo é crespo, então tem que ser crespo para sempre. A gente tem que entender que cada um faz o que quiser da vida, lindo. A gente é livre para isso.”

Tatá: “Não tem o movimento contrário tipo ‘você não pode alisar o cabelo’ se quiser, alisa, se não quiser, faz o que quiser. A vida é minha e eu faço o que eu quiser.”

IZA: “Acho que importante você se olhar no espelho como você realmente é, se permita, faça isso é importante, até para você saber se você quer continuar assim ou não.”

(18min02seg)

Tatá: “Eu acho muito legal porque você, como a maioria das mulheres obviamente, porque não é porque é mulher que é feminista, a gente fala muito sobre isso, é um momento muito oportuno graças a deus, podemos falar sobre essas questões. E eu quero continuar, já que temos pouco espaço para falar e sempre nos interrompem ou tentam nos interromper, a gente vai continuar agora mostrando como a gente arruma um gancho para falar de feminismo. Esse é o quadro ‘Empoderiza’. Vou fazer uma pergunta qualquer e vamos tentar transformar isso numa conversa feminista com recadinho já que não dão o direito de a gente comentar. O que você gosta de almoçar?”

IZA: “Eu acho que eu gosto de almoçar aquilo que eu gosto de almoçar. Acho que eu sou dona de mim e eu faço o que eu quiser”.

Episódio 65 – Maraia e Maraisa (20min18seg)

Tatá: “Antigamente, as duplas sertanejas masculinas faziam mais sucesso do que as femininas e hoje mudou totalmente, graças a deus, vocês têm uma potência, uma força muito grande.”

Maraia e Maraisa: “As mulheres têm potencial tanto quanto os homens, não querendo levantar nenhuma bandeira não, mas ‘poderosa’. O grande lance da nossa carreira mesmo é esse, a gente trazer novas mulheres. A gente grava com outros artistas, outras artistas, principalmente as mulheres.”

(26min23seg)

Tatá: “Vocês estão entre as duplas mais tocadas no Brasil com outras duplas femininas também, e a gente sabe que o mercado está muito mais acessível pra duplas femininas, mas ainda há um grande trabalho pela frente. Vocês sentiram um preconceito, uma força contra, quando vocês entraram e começaram a mostrar o trabalho de vocês?”

Maraia e Maraisa: “Na verdade era só o mercado acreditar. O mercado é para poucos, são poucos que regem, os caras que ditam as regras, a gente sabe disso e, precisava que esses caras que ditam as regras, comprassem. Acho que essa galera aí que tá em cima, os grandes empresários, têm que prestar atenção também e colocar a mulherada também, não só no sertanejo, mas em todos os segmentos musicais. A mulherada merece.”

- **Quarta Temporada:**

Episódio 72 – Taís Araújo (04min54seg)

Tatá: “Da sua família, tinha alguma mulher que te inspirava por ser essa mulher que sempre falava ‘seja independente, trabalhe fora, ganhe seu dinheiro’?”

Taís: “A minha mãe. A minha vó morreu com 37 anos, muito jovem e deixou 4 filhos. Minha mãe deixou a imagem da minha vó muito viva pra gente e de uma mulher muito forte. Ela criou os filhos sozinha, ela tinha um cara que não era um companheiro legal.”

(33min17seg)

Tatá: “Ser mãe também... me sinto culpada também, assim acho que ser mãe gera muita culpa mesmo, porque a gente não sabe como agir, a gente vai sempre errar de alguma maneira. Eu por exemplo, tô gravando, tô passando mal, eu saio daqui vou fazer a ultra que fico com medo de ter feito demais. Aí falaram ‘aí, por que você não abre mão de trabalhar?’ e eu não quero abrir mão de trabalhar, mas ao mesmo tempo não quero perder nada da minha filha. Morro de medo de que tipo de mãe eu vou ser, se eu vou ser uma mãe boa o suficiente, se eu vou conseguir não gerar na minha filha traumas, sei lá, só quero facilitar a vida da minha filha.”

Taís: “A gente vai errar, Tatá. Ao mesmo tempo da coisa de querer trabalhar, pô eu até trabalhava antes de ter filho. Eu não me entendo muito como pessoa, como mulher, sem estar trabalhando. Eu acho que se eu não estiver trabalhando, vou ser uma mulher muito infeliz e, conseqüentemente, vou ser uma péssima mãe.”

Tatá: “Minha mãe me falou ‘filha, eu quero que você faça o que você gosta’ e quando minha filha me assistir ela vai saber ‘mamãe está fazendo o que gosta’ e isso não faz com que eu goste menos da minha filha. Sejamos as mães que conseguimos ser.”

Episódio 74 – Ana Maria Braga (03min54seg)

Ana: “Meu pai não queria que eu fizesse faculdade, ele achava que lugar de mulher era em casa, isso faz uns bons tempos. Atualmente não sei se tem algum pai que acha que lugar de mulher é em casa, mas ele queria que eu desse aula no primário, que eu já era formada, já era professora, então chegou ali e acabou ‘pra que estudar mais?’ e vai casar. Eu aprendi a bordar, cozinhar tudo para arrumar a casa para casar e arrumar um bom marido. A partir dali eu disse ‘não, não quero isso pra mim’, eu saí de casa por conta disso e ele nunca pagou meus estudos, eu fui pra vida.”

Tatá: “Você passou sua juventude ali nos anos 1970 mais ou menos, era uma época de muita experimentação. Você passou por essa fase de experimentação?”

Ana: “Virgindade era um negócio absoluto na época, não era que nem hoje com 13 e 14 anos. Lá você tinha que casar virgem, na teoria né.”

(11min28seg)

Tatá: “E você vê a mudança desse público que te segue há quase 40 anos? As mulheres que te assistem mudaram?”

Ana: “As mulheres do Brasil mudaram. O Brasil mudou e as mulheres graças a deus acordaram pra um monte de coisa. Antigamente, por exemplo, era brega cozinhar, antigamente você falar em morar fora de casa era uma exceção, antigamente falar em defesa e direitos da mulher era outra coisa, uma coisa que parecia meio velado, que as pessoas tinham vergonha de sair em defesa de grupos de minoria, gay nem pensar, LGBTQ. Enfim, eu acho que o mundo tá numa transformação fantástica e da mesma forma as pessoas que veem televisão também mudaram. O Louro José me ajuda muito com isso, ele é meu alter ego, quando não posso falar, ele fala.”

Tatá: “Mas eu acho maravilha, porque inclusive quando a gente começou a falar mais, as mulheres, sobre feminismo, achavam que feminismo era justamente não poder cozinhar, mas não, você pode ser o que você quiser. É o direito da mulher ser livre com suas escolhas.”

Ana: “Tem que valorizar isso.”

Tatá: “Sim, valorizar os direitos das mulheres, os direitos iguais. E lembrando que feminismo não é o contrário de machismo.”

Episódio 75 – Deborah Secco (04min51seg)

Deborah: “Você sabe que nessa época, quando comecei a trabalhar assim, todo mundo falava que eu nunca ia ser atriz de fazer mulher bonita, que eu ia fazer a esquisita.”

(18min38seg)

Tatá: “A sua percepção sobre esse universo mudou?”

Deborah: “Totalmente. Uma das meninas falou para mim: ‘Deborah, a gente não é o que a gente quer ser na vida, a gente é o que a gente consegue ser e isso foi o melhor que consegui ser’. Muitas meninas abusadas na infância com 7 e 8 anos, que não tem outra opção na vida a não ser isso, que se machucam se mutilam diariamente pra tentar viver com o mínimo de dignidade.”

Tatá: “Muitas mulheres que usam a prostituição pra conseguirem pagar seus estudos.”

Deborah: “Exatamente. Cresci tanto humanamente, aprendi tanto na vida que isso passou a ser para mim o que fez e o que faz a minha vida valer a pena.”

Tatá: “E tem uma coisa muito louca, eu por exemplo já me peguei fazendo isso pensando ‘tô muito acima do peso’ e eu falava ‘não, mas isso é pra cinema’ e não é, só tô acima do peso, mas sabe quando você quer justificar? A gente fica o tempo todo tentando nos justificar, porque as pessoas querem colocar a gente dentro de um padrão.”

Deborah: “Um padrão muito cruel.”

Tatá: “Sim e teoricamente você seria esse padrão, porque você é linda...”

Deborah: “Ah, mas eu sofro também, tomei remédio para emagrecer a vida inteira. Hoje, eu fico tentando lidar com isso de uma forma mais saudável. Quando eu me vejo mais gordinha eu penso ‘tudo bem também’. Essa perfeição é tão cruel. Não quero julgar a estética das pessoas, não quero que isso seja importante na minha casa, não quero que a minha filha ache que a roupa que ela vai usar faz dela uma pessoa melhor. Então isso é quase que, de tanta pressão que eu vivi minha vida inteira, isso virou uma meta.”

Tatá: “Esse padrão que é inexistente ele gera culpa, ele gera angústia, ele gera transtorno. Na gravidez que eu por exemplo, tô grávida, eu tô inchada, mas eu engordei mesmo, as pessoas quase dão uma licença poética de tipo ‘não, mas ela tá grávida’, como se só porque eu tô grávida eu posso engordar.”

Deborah: “Eu grávida ouvi coisas horríveis ‘nossa, mas engordou muito né?’. Eu engordei 27kg, engordei muito. Outro dia teve um cara que falou ‘mas você vai ficar com esse cabelo curto feio?’ e eu falei ‘é, o bonito ficou pra lá’.”

(28min21seg)

Deborah: “Eu vivi relações muito abusivas e destrutivas. Então quando conheci o Hugo eu falei ‘eu não vou errar com você, senta que eu vou te contar a minha vida inteira’.

Tatá: “Eu também fui muito sacaneada. Eu tinha um cara que falava pra mim ‘você é uma merda, você é caricata’, falava coisas terríveis e eu acho engraçado que as pessoas ainda fazem uma distinção tipo ‘aí, ele foi muito escroto com a Tatá, mas ele é uma pessoa maravilhosa’ e isso não existe, essa mesma pessoa foi essa que já me agrediu, já fez um monte de coisa. As pessoas ficam passando pano e é difícil porque as mulheres ficam com vergonha mesmo de denunciarem, de falarem, são relações que trazem traumas. Essa relação fez com que eu olhasse pro Rafa e pensasse ‘nossa, esse homem me ama, me respeita’, coisas que são o mínimo.”

Deborah: “Hoje eu faço preces pra mães de meninos: criem homens feministas.”

Tatá: “E eu fiquei muito feliz quando descobri que seria mãe de menina porque eu justamente queria poder não dizer pra ela as coisas que eu ouvi, queria dizer pra ela que ela não precisa ouvir todo tipo de coisa, queria dizer que ela pode se defender, que eu vou ajudar ela a se defender, que eu vou ajudar, que ela pode ser livre.”

Deborah: “Isso virou uma missão para mim. É assustador que a Maria pode passar por tudo o que eu passei.”

Tatá: “E essa mudança na sua vida, essa mudança as pessoas têm mania de romantizar a gravidez, as pessoas se sentem plenas. Eu faço questão de dizer que tá sendo muito difícil pra mim, eu passo muito mal, fico muito irritada.”

Deborah: “Sem dúvidas, foi a pior fase da minha vida, fiquei muito depressiva, eu não conseguia fazer nada, eu todos os dias chorava e pedia minha vida de volta. E ainda bem que a gente hoje consegue falar sobre isso sem que nos matem de tanta culpa e nos julguem as piores mães do mundo.”

Tatá: “O que que muda quando você vê o rostinho da sua filha?”

Deborah: “Muda tudo e ela me trouxe, sem dúvida, a minha maior riqueza que foi conseguir colocar uma outra pessoa na minha frente. Depois da maternidade, minha vida ficou morna.”

Episódio 77 – Isis Valverde (05min18seg)

Isis: “Minha vó era uma mulher muito à frente do tempo dela. Ela parava e ficava em frente do único ponto de ônibus, que era um ônibus que vinha de outras cidades para Aiuruoca e ela falava que o prazer dela era ficar assistindo as pessoas que saíam e chegavam na cidade, porque ela amava viajar e não podia.”

(32min18seg)

Tatá: “O que você passou quando você tava grávida?”

Isis: “Eu não passei mal assim, mas eu sentia muita dor, muitas dores assim bizarras e chegou uma hora que eu falava ‘eu quero que nasça logo, eu quero que nasça pra ver ele logo, mas eu não quero mais passar por isso’ e as pessoas ficam com raiva, te julgam, entendeu? Eu acho que isso é errado, cada mulher é singular e cada gravidez é singular. Então tem que ser respeitada.”

Tatá: “Sim, eu sei que tem essa coisa mágica e eu amo muito minha filha e isso não diz respeito ao quanto eu sinto por ela.”

Isis: “Quando sua filha nascer, você vai ver uma transformação, você vai se sentir a mulher mais poderosa do mundo, capaz de tudo. É lindo, é foda. Você tem uma força interna que você enfrenta o mundo por aquele serzinho tão pequeno, é lindo.”

Tatá: “Obrigada. E eu vou te falar, para mim, deixei claro que foi muito difícil gravar essa temporada, mas eu queria tanto ter esse registro. Tive que cancelar vários programas, tava passando muito mal, mas poder estar aqui, é primeira vez que entrei com a barriga de fora, mas quando eu entrei aqui grávida eu falei ‘caraca, tô grávida’. Não sei se vou ficar grávida de novo na vida, mas poder fazer o máximo que eu posso, que tá longe de ser o meu melhor, mas o máximo que eu posso gerando uma bebezinha, que as vezes eu pergunto uma coisa, tô falando uma merda e ela tá mexendo e eu tô num misto de ‘preciso manter meu emprego’ com ‘ai meu deus ela tá mexendo’. É uma experiência que eu não sei se vou passar de novo, mas é muito lindo, porque somos muitas e agora somos mais.”